

29 de Maio 2017
Segunda-Feira
Semanário - Ano 2
Nº 61 / kz 400
Director-Geral
Evaristo Mulaza

COM O CONTROLO DOS ANGOLANOS

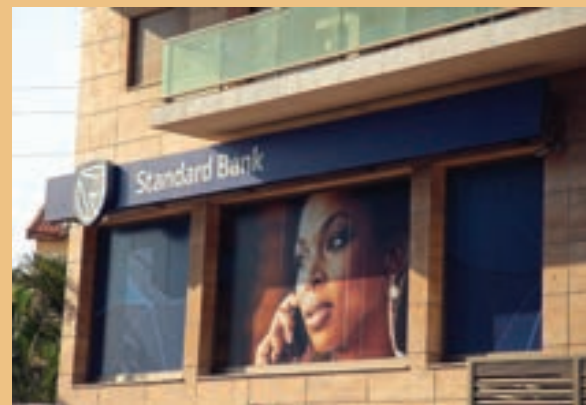
Lucros do BFA acima dos 60%

O BFA apresentou os melhores resultados em sete anos, após a operação que levou os angolanos da Unitel ao controlo do banco, com os lucros a ultrapassarem a fasquia dos 60%, em 2016. Pág. 15

NOVO ACCIONISTA CONTINUA FORA DA ESTRUTURA

Standard Bank Angola sob controlo exclusivo dos sul-africanos

Depois de, em finais de 2014, as AAA terem alienado 49% do capital que detinham no Standard Bank Angola a favor da Inpal Participações, o novo accionista continua à espera do registo das acções no Banco Nacional de Angola. Em causa, estará o 'atraso' da assembleia de accionistas do SBA que condiciona a conclusão do processo junto do regulador angolano. Pág. 14



ANTÓNIO COUTINHO, CEO DO SBA

“É injusto que 5 bancos fiquem com 80% das divisas”

ENTREVISTA. O presidente da comissão executiva do Standard Bank Angola critica, em entrevista exclusiva ao VALOR, a intenção das autoridades de privilegiarem um grupo restrito de bancos no controlo das divisas. Para António Coutinho, as regras deviam ser mais claras. Págs. 4 a 6



Manuel Tomás © AF

Moedas AKZ USD 166,7 kz (+0) ▲ EUR 186,92 kz (+3,02) ▲ LIBRA 216,6 kz (+1,1) ▲ YUAN 24,22 kz (+0,06) ▲ RAND 12,7 kz (+0,2) ▲



DIGITOS & NÚMEROS

Contabilidade & Consultoria Fiscal

Tel: +244 945 766 958 e-mail: digitos.numeros@gmail.com

Descarregue a App

Visite o website: www.valoreconomico.co.ao



Editorial

“COPOS E MULHERES”

Um dos factos curiosos, quando se ouve a classe empresarial a falar, de forma colegial, é a inacreditável recusa de responsabilidades, em relação ao conjunto da irresponsabilidade que colocou a economia angolana de joelhos. Na generalidade, a classe empresarial parece adversa aos exercícios de introspecção. Jamais considerou a autocrítica. E, se alguma o fez, evitou de forma descarada o confessor público. Sempre que a classe se pronuncia, perante os holofotes, a culpa é toda do Estado, ou do Governo ou de um ser qualquer abstracto. Mas nunca dos homens de negócios. O que é facto é isso: jamais se ouviu dos próprios empresários o reconhecimento da sua quota parte de responsabilidade no ‘estado de sítio’ em que se colocou a economia e o país.

No encontro em que o candidato do MPLA, João Lourenço, reuniu centenas de empresários em Luanda, na última semana, o disco tocou a mesma música sem surpresas. O conjunto dos pronunciamentos não foi além da atribuição de culpas explícitas e implícitas às autoridades e uma dose de pedidos ao que os empresários já consideram como o próximo Presidente da República. Aliás, a conversa do putativo PR vale a abertura de parênteses. Quem ouviu as diferentes intervenções não ficou alheio à clareza

da convicção dos empresários de que se estavam a dirigir ao próximo Presidente da República. As eleições, julga-se, não passarão de um mero formalismo da democracia. Teria sido interessante também, só por esse facto, colocar os mesmos empresários em conversa com os outros candidatos que, ainda com ideias menos consolidadas que as do MPLA, têm seguramente alguma mensagem para a classe. Seria interessante, ainda que para um mero exercício académico de aferição do nível de (des)conforto e do tipo de discurso dos empresários. Mas, aqui chegados, é altura de fechar os parênteses e deixar a ficção de lado, até porque ninguém imagina empresários do MPLA sentados a ouvir ideias da UNITA ou da CASA-CE.

Mas, voltando ao que interessa, os empresários esquecem-se, nos momentos de confissão, que quem, nos últimos anos, se serviu das fragilidades e da incompetência do Governo para, por esquemas fraudulentos, contribuir para a sangria de divisas foram também os homens de

negócios. Quem se beneficiou dos variadíssimos programas governamentais de créditos dirigidos, mas que foram incapazes de levantar projectos sustentáveis, foram também os empresários. Quem muitas vezes foi ao exterior e comprou, consciente ou inconscientemente, bens alimentares deteriorados e ‘envenenados’ de metais altamente nocivos à saúde humana para vender aos angolanos são também empresários. Quem muitas vezes recebeu financiamento do Estado ou da banca privada para aplicar na indústria, mas acabou por montar stand de automóveis, são também empresários. Quem acabou por beneficiar de um generoso perdão fiscal até 2012, mas que quer agora ver a dívida com os bancos perdoada, são também empresários. Quem muitas vezes, em conluio com agentes do Governo, inventou dívida pública para delapidar os cofres do Estado, desviando recursos que muita falta fazem ao investimento público são também empresários. Quem recebeu dinheiro fresco, através de apoios directos do Estado, para montar projectos que alegadamente defenderiam a soberania económica do país, mas que acabaram inexplicavelmente por construir impérios falidos, são também empresários. O presidente do Eurogrupo, Jeron Dijsselbloem, diria que não se gasta dinheiro em copos e mulheres e depois exigir-se ajudas.



FICHA TÉCNICA

Director-Geral:

Evaristo Mulaza

Directora-Geral Adjunta:

Geralda Embaló

Editor Executivo: António Nogueira

Editor gráfico: Pedro de Oliveira

Redacção: António Miguel, Isabel Dinis, José Zangui, Nelson Rodrigues e Valdimiro Dias

Fotografia: Manuel Tomás, Mário Mujetes e Santos Samuesseca

Secretária de redacção: Rosa Ngola

Paginação: Francisco de Oliveira, João Vumbi e Edvandro Malungo

Revisores: Edno Pimentel, Evaristo Mulaza e Geralda Embaló

Colaboradores: Cândido Mendes, Mateus da Graça Filho

Produção gráfica: Notiforma SA

Propriedade e Distribuição: GEM Angola Global Media, Lda

Tiragem: 4.000 N.º de Registo do MCS: 765/B/15

GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA Administração:

Geralda Embaló e Evaristo Mulaza

Assistente da Administração: Mariquinha Rego

Departamento Administrativo: Jessy Ferrão e Nelson Manuel

Departamento Comercial: Arieth Lopes, Geovana Fernandes
comercial@gem.co.ao, Tel.: +244941784790-(1)-(2)

N.º de Contribuinte: 5401180721;

N.º de registo estatístico: 92/82 de 18/10/82

Endereço: Rua Fernão Mendes Pinto, n.º 35, Alvalade,
Luanda/Angola, Telefones: +244 222 320510,
222 320511 Fax: 222 320514

E-mail: administracao@gem.co.ao

A semana

3 PERGUNTAS A...



Paulino Baptista,
ministro da Hotelaria e Turismo

Acha que o sector do turismo já exerce o seu verdadeiro papel?

Estamos a caminhar e temos metas concretas, estabelecidas no Plano Operativo do Turismo 2016/2017. Para a concretização do mesmo, os operadores do sector devem implementar esforços para que, de facto, o turismo exerça o seu papel preponderante na diversificação da economia.

Mas como sair do discurso? Os operadores e as associações ligadas ao sector turístico devem ser mais práticos nas suas acções.

A questão dos vistos tem sido levantada como um dos entraves?

É necessária a facilitação de vistos, para a realização de negócios turísticos. Mas também a captação de financiamento junto da banca comercial para financiar projectos do sector.

23 TERÇA-FEIRA
Cerca de 40 das 52 cooperativas que receberam o Crédito Jovem na província do Cunene já procederam o reembolso completo do montante ao Banco de Poupança e Crédito (BPC), informou, em Ondjiva, o director da Juventude e Desportos no Cunene, António Wakanhuku.

24 QUARTA-FEIRA
A Sociedade Mineira de Catoca investiu, nos últimos 10 anos, cerca de 100 milhões de dólares, na descoberta de novas reservas diamantíferas. Trata-se das reservas do Luachi, CAT-E42 e Vulege, Gambo, na Lunda-Sul, Tchafua e Luangue, na Lunda-Norte, e Gango e Quituba, no Kwanza-Sul, informou a empresa.

25 QUINTA-FEIRA
A 1ª. edição da Feira Internacional do Kwanza-Norte, destinada à promoção do potencial económico da região, foi aberta, em Ndalatando, em cerimónia orientada pelo secretário de Estado da Agricultura, José Amaro Tati.



SEGUNDA-FEIRA

O Ernest& Young (EY), firma de consultoria e auditoria internacional, mantém o compromisso de apoiar o crescimento e desenvolvimento de Angola, retendo o capital humano nacional, assegurou o seu responsável no país, Luís Marques. Na cerimónia de comemoração dos 60 anos de actividade em Angola, Luís Marques afirmou que a EY tem um programa de bolsas de estudo e empregabilidade com a Universidade Católica de Angola, incluindo bolsas integrais para alunos que são posteriormente absorvidos pela empresa.

26 SEXTA-FEIRA
A receita fiscal com a exportação petrolífera ascendeu a 2.384 milhões de dólares (cerca de 400 mil milhões de kwanzas) em Abril, mais 6,5% que em Março, indicam números de um relatório mensal do Ministério das Finanças referente às receitas da venda de crude.



27 SÁBADO
O ministro da Energia e Águas, João Baptista Borges, anunciou, no Kuito, que a província do Bié beneficiará, em 2018, do fornecimento de energia eléctrica da barragem de Laúca, através da linha de transporte do Gove.



28 DOMINGO
O governo do Huambo anunciou que pretende recuperar o projecto de multiplicação de sementes da Caála, paralisado em 2014 por falta de ração para os animais. O projecto prevê a criação de uma área de 1,5 mil hectares de terras.



COTAÇÕES



EFEITO-PROLONGAMENTO' ELEVA 0,47% NO PETRÓLEO

O preço do barril de petróleo recuperou das maiores quedas em três semanas, com os investidores a refrearem a sua resposta ao prolongamento, por nove meses, dos cortes de produção decidido pelo cartel da OPEP. À tarde da última sexta-feira, o preço do Brent – referência para Angola – disparou 0,47% para 51,70 dólares por barril. A organização estima que os cortes colocados em prática estejam a ter efeito no mercado, e que, no próximo ano, as existências mundiais caiam para a média dos últimos cinco anos.



TRÊS 'GIGANTES' DE WALL STREET NO CHÃO

As principais praças accionistas norte-americanas fecharam a semana a cair. A queda vem do penúltimo dia do fecho, situação que inverte, assim, o 'rally' mais longo desde Fevereiro que concretizou ontem o seu sexto dia consecutivo. O índice de referência mundial, o industrial Dow Jones, iniciou a sessão a cair 0,05% para 21,072.58 pontos, o tecnológico Nasdaq, que regista uma variação negativa de 0,06% para 6,201.28 pontos e o financeiro S&P 500, perde também 0,06% para 2,413.65 pontos.

Entrevista

ANTÓNIO COUTINHO, CEO DO STANDARD BANK ANGOLA

“É injusto que cinco bancos fiquem com 80% das divisas do BNA”



CEO do Standard Bank Angola critica fortemente políticas de distribuição de divisas do BNA, que considera privilegiar um grupo de cinco bancos na gestão de 80% das divisas. O gestor abre-se ao VALOR e classifica as medidas do banco central de “jogo não claro”, admitindo um agravamento das condições económicas, caso o Governo insista na ‘lista’ das divisas.

Por Miguel Daniel e Nelson Rodrigues

A economia foi gravemente afectada com a perda dos últimos correspondentes bancários em dólares. Como o sistema bancário pode recuperar as relações com os correspondentes bancários e trazer de volta os dólares para Luanda?

O Banco Nacional de Angola (BNA) tem feito um grande trabalho no que respeita às políticas cambiais. As suas viagens na Europa e nos Estados Unidos da América revelam esta vontade de mostrar aos parceiros o que se tem feito em termos de leis e o que já foi feito para se conformar as normas internacionais, em matéria de boas práticas, e, também, pedindo conselhos. O papel do BNA é o que já tem vindo a fazer: comunicar fora do país, sendo o regulador do mercado, aquilo que se tem em termos de regulação e boas práticas de supervisão bancária, para que todos estejam no mesmo padrão.

Já existem bancos a publicarem contas no sistema de controlo internacional, onde todos os bancos podem utilizar as mesmas regras, não só dentro do país, como no exterior. Sendo que as regras de apresentação dos resultados são todas em dólares, o Standard Bank Angola (SBA) pode fazer uma comparação com um banco que esteja em Hong Kong ou que esteja na Europa. Isto dá credibilidade às contas auditadas, num padrão reconhecido internacionalmente.

É muito importante controlar as transacções financeiras antes de elas saírem fora do país, acho

que é isto que o BNA tem vindo a fazer. Tanto é que já existem os softwares e penso que, até 2018, todos estaremos neste padrão.

Dada a experiência internacional do SBA, que apoios concretos pode dar ao BNA?

Com a sua experiência, o SBA tem ajudado o banco central da África do Sul e de outros países onde opera. É óbvio que deve fazê-lo com o BNA. Por exemplo, muitas das cartas de créditos são abertas na África do Sul, através do Standard Bank, o que tem facilitado a aquisição dos produtos da cesta básica, para Angola...

Os apoios resumem-se às cartas de créditos?

Há outros apoios, sobretudo no que toca ao conhecimento e às boas práticas. Não se pode esquecer que o país perdeu o seu último banco correspondente em moeda estrangeira. Logo, isto reflectiu-se na importação dos produtos que tinha de ser feita em dólares, euros ou ienes. E nós conseguimos fazê-lo através da nossa ‘casa-mãe’ na África do Sul, porque continuamos a ter acesso aos mercados internacionais, e com outros bancos com os quais temos relações nos países da Europa, Ásia e América.

“Em 2016, tivemos os resultados mais elevados da nossa história, passados sete anos da nossa presença em Angola, fixando-se em 50%. Até parece um pouco exagerado, mas não é o caso, porque tem tudo a ver com o crescimento dos depósitos, dos clientes...”

Acha que o curso actual da política cambial é compatível com as necessidades do momento?

O que tem faltado, a meu ver, é a transparência na alocação das divisas. Ao SBA são alocados, por exemplo, 10 milhões de dólares e, em certos casos, já nos são indicados os clientes. Há vezes em que recebemos dinheiro de clientes que não têm conta no banco, o que cria muita confusão.

A outra questão está relacionada com a proporcionalidade com que se distribuem os valores: uns recebem 80% e outros ficam com 20%. Isto é injusto. Não entendo as razões que levaram à tomada desta decisão.

Como devia ser feita a distribuição das divisas?

No sector financeiro, as regras do jogo têm de ser claras e todos devemos saber como as coisas são tratadas. Este tipo de comportamento vai ter um impacto negativo [na economia], até para o estrangeiro que pretende investir no país, por não haver clareza na definição de medidas. Agora, com o processo de diversificação da economia, a coisa tornar-se-ia ainda pior, porque o país precisa de atrair investimento para o sector produtivo e, por fim, para poder exportar. Como se sabe, já temos banana de Angola a ser exportada para os países vizinhos e para os EUA, o que pode trazer um valor acrescentado à economia, mas, em tudo isto, é preciso haver um jogo claro.

O SBA faz parte dos cinco bancos que alegadamente vão gerir 80% das divisas?

É a isto que me referi. 80% das divisas vão para os cinco seleccionados dos quais não fazemos parte. Os restantes 20% é que serão distribuídos para os demais operadores. Antigamente, cada um dependia do seu ministério para a aquisição de divisas, mediante as necessidades apresentadas. Agora, tudo volta para o BNA, o que acho importante, na qualidade de regulador, evitando desta forma a dispersão de divisas. Mas a forma como está a ser feita a divisão é que não é boa, porque muitos bancos bons não fazem parte do dito ‘Top Five’ (Top Cinco). Para mim, o importante não é ter mais moeda estrangeira, quero apenas transparência.

Acha que o SBA devia fazer parte do grupo?

Acho que não deve haver nenhuma

lista. As alocações deviam ser feitas com base nas necessidades dos clientes e das políticas do Estado. Se a prioridade for para a aquisição da cesta básica, todos os nossos clientes que importam estes bens terão benefício. Não é justo beneficiar cinco bancos, deixando 25 de fora ou dar-lhes apenas 20% do total das divisas. Isto pode fazer com que muitos operadores deixem de funcionar e passem as contas todas aos cinco.

O BNA é a única fonte de divisa do SBA ou recebe apoios da casa-mãe, na África do Sul?

Se puder [a casa-mãe], manda, mas para o capital do banco e não para operações de mercado. Nós dependemos do BNA, para as operações de transacção.

Teve algum impacto a saída dos correspondentes em dólar para o SBA?

Não. Mas pode ser [que tenha] em termos de resultados na disponibilidade dos cambiais, mas continuamos a fazer as nossas operações em moeda estrangeira normalmente, porque conseguimos receber e transferir. Há problemas é na alocação das divisas [pelo BNA]. O BNA é que faz esta alocação aos bancos e, estes, por sua vez, transferem para fora. No caso de o BNA não ter divisas, não conseguimos efectuar transferências.

Além da crise de divisas, há uma efectiva crise económica e financeira no país.

Em que medida esta conjuntura impactou nas operações do banco em 2016? O ano passado foi um ano favorável, pelo que temos vindo a fazer, embora seja verdade que o momento que o país tem estado a passar, desde a redução do preço do petróleo, tem impactado nas nossas operações.

O banco tomou medidas de contenção para contornar a crise?

Tivemos de fazer alguns reajustes, sendo um banco novo no mercado. Tivemos de fazer uma redução de custos, não só com o pessoal, até porque registamos uma subida à volta dos 30% a 26% em custos de operações, no sentido de nos conformarmos ao índice de inflação que chegou aos 42%.

E qual foi o impacto dessas medidas nos resultados?

Em 2016, tivemos resultados mais elevados da nossa história, passados sete anos da nossa presença em Angola, fixando-se em 50%. Até parece um pouco exagerado, mas não é o caso,

porque tem tudo a ver com o crescimento dos depósitos, dos clientes, que registaram um aumento na ordem dos 22%, face ao ano anterior. Este crescimento foi impulsionado maioritariamente pelos depósitos à ordem, no segmento empresas, com um montante de 57,4 mil milhões de kwanzas. Quanto à evolução dos depósitos, em 2016, registámos um incremento de 23%, resultante de clientes empresas, o que representa 58% do total dos depósitos do banco a retalho. Entretanto, tivemos uma inversão nos particulares, mantendo níveis superiores em relação ao verificado em 2014.

Já há uma presença considerável do retalho nas operações do SBA?

O número de clientes activos do banco sofreu um decréscimo face ao ano anterior, porém, foi compensado pelo aumento do envolvimento bancário dos clientes existentes, sobretudo empresas, concretamente as petrolíferas e prestadoras de serviços. Falo das pequenas e medias empresas, por um lado. Por outro lado, é porque muitos clientes investiram em depósitos,

precauendo-se da actual situação do mercado, conjugado ao facto de sermos um banco forte em África, presente em mais de nove países, associado também com a nossa marca, que nos ajudaram a atingir os 30.635 clientes.

E os lucros?

O resultado líquido do SBA fixou-se em 7,9 mil milhões de kwanzas, um crescimento na ordem dos 50% relativamente ao registado no exercício de 2015, em que registou 5,2 mil milhões de kwanzas.

Este balanço é o terceiro, em sete anos, que fecha positivo. O que representa para os accionistas?

É um bom indicador, mas importa referir que tudo resulta de uma boa estratégia de investimento, sobretudo por ser um mercado com muita competitividade. Mas, neste momento, temos um grau de solvabilidade extremamente alto e que ultrapassa a média dos níveis recomendados pelo BNA, calculados em cerca de 10% contra os mais de 30% alcançados no ano passado.

Acho que não deve haver nenhuma lista. As alocações [das divisas] deviam ser feitas com base nas necessidades dos clientes e das políticas do Estado.



Manuel Tomás © VE

Os indicadores reflectem altos níveis de liquidez...

Sim, porque muitas empresas têm excesso de liquidez em kwanzas. Não havendo moeda estrangeira, a disponibilidade em kwanzas é utilizada dentro do país. O que faz com que se pague o crédito com facilidade, apesar de a nossa carteira descer consideravelmente. Mas acredito que, no próximo ano, as coisas tenderão para melhor. Porque pensamos apostar nos investimentos direccionados para o interior, no sentido de desconcentrar a área de actuação. Vamos dirigir o crédito sobretudo para o sector produtivo. Temos de apostar no sector da transformação, agricultura e do crédito, porque temos muito dinheiro disponível, mas também é preciso haver bons projectos. Aqui consiste a maior dificuldade.

Esta acção implicaria investir mais estruturas do banco. Prevê abrir novas agências?

Não. O actual momento económico aconselha que apostemos mais em produtos electrónicos, em termos de transacções. Em relação ao crédito, Luanda continua a ser o mais importante, mas fora da capital vão surgir muitas oportunidades.

Em que estruturas electrónicas prevê investir?

No sector informático. Pensamos que a banca se vai ajustando às novas tecnologias, fugindo do tradicional atendimento, o uso de dinheiro físico e operações de transferências efectuadas via electrónica. Hoje, podemos fazer tudo e mais alguma coisa com o banco, sem necessidade de ir ao balcão. Isto não significa que a nota deixe de ter o seu valor nas transacções, mas tem perdido em relação à utilização que se está a dar às novas tecnologias, até porque tem mais segurança.

Em que níveis anda a carteira de crédito?

O SBA registou uma desaceleração de 5,9 mil milhões de kwanzas. Na distribuição da carteira de crédito, por segmento de clientes, o banco alocou 75% do montante a particulares e 25% ficaram com as empresas, o que resultou num crescimento na ordem dos 6%, no descoberto, em relação ao período homólogo, contra os 3% no leasing e 2% no crédito habitação.

Entrevista

Continuação da página 5

Que segmento de empresas recolheu maior parte do crédito?

Acho ser o sector das micro, pequenas e médias empresas, onde temos vários produtos, com realce para o sector das pescas, indústria de transformação, temos também uma ligeira carteira de individuais, sobretudo para colaboradores de empresas.

Que efeitos gerou a desaceleração no crédito?

O abrandamento registado na concessão de crédito teve impacto no rácio de transformação em 2016, fixando-se em 21%, menos 12 pontos percentuais face ao período homólogo anterior (2015) em análise cujas taxas se fixaram em 33%. Quanto ao reembolso, o segmento empresas obteve 42%, o que reflecte a aposta. Porém, a qualidade de crédito, por imparidade, concedido apresentou uma queda de 2%, passando de 51,4 mil milhões de kwanzas, para 50,2 mil milhões, incidindo numa diminuição da carteira de crédito calculada em 4,3 pontos percentuais, o que reflecte um aumento nas operações em divisas, passando de 35,5% para 39,8%.

Tivemos de adoptar medidas internas de aceitação de crédito, relativamente ao nível de análise de risco e das garantias recebidas, porque o ambiente por si só propicia o grau de incumprimentos. Mas conseguimos manter os níveis aceitáveis, em que a taxa de incumprimento registou um aumento de 1,9 mil milhões de kwanzas, cerca de 4,6% da carteira total de crédito, contra os 1,1 mil milhões de kwanzas, alcançados em 2015 o que representa cerca de 2,5%.

E o malparado?

O malparado resulta do ambiente que o país vive, que tem resultado em redução de muitos trabalhadores, mas tivemos medidas cautelares que fizeram com que o crédito malparado não disparasse para níveis muito altos. O banco tem uma responsabilidade social e achamos que não devemos entalar o cliente. Temos de garantir ao cliente que o crédito deve ser feito de forma responsável, para se evitar a situação de incumprimento que pode incidir em hipotecas e colocar a sua família em péssimas condições de vida.

Olhando para a situação económica, a 'medida cautelar' com o crédito é para durar?

Acredito que as coisas vão melhorar, porque os ciclos não duram para sempre. E acredito que já estamos a passar pela parte negativa. Acho que a parte positiva vem a seguir. Mas isto não tem só a ver com o preço do petróleo, mas com as medidas que o país e o Estado vierem a tomar no que respeita à redução de custos, controlo da inflação, diversificação da economia e aumento do investimento em infra-estruturas. É importante perceber que o sector eléctrico tem grande impacto nos custos de operação no país, o que encarece o produto final, devido às despesas com os combustíveis e geradores que são obrigados a trabalhar 24 horas ao dia. Isto também tem impacto na moeda estrangeira e cria poupanças para a economia.

Com um nível actual de desvalorização do kwanza e o índice de inflação a furar os 40%, que reformas acha que devem ser tomadas para a estabilidade monetária nacional?

A desvalorização da moeda, para um país como Angola, que depende em grande medida de um único recurso, que é o petróleo, daria mais benefícios para o Estado do que para o cidadão, porque o Governo paga os salários em kwanzas. Mas é preciso saber que muitos investimentos do Estado são feitos em moeda estrangeira. O que acontece, na verdade,

PERFIL

António Coutinho é um contabilista de formação, de nacionalidade moçambicana. Dono de uma carreira de cerca de 20 anos, já exerceu, entre várias actividades, funções de auditor sénior na Deloitte & Touche e de director financeiro do Grupo Manica Limited, em Moçambique, além do cargo de presidente da Interbancos. O vínculo com o grupo Standard Bank inicia em 2004, no posto de administrador, responsável pelo pelouro das finanças e de informática. Já no banco, é promovido a administrador-delegado, função que desempenhou até 2015, altura em que chega a Luanda para a condução dos destinos da sucursal do banco em Angola, onde continua até à data.

com a desvalorização da moeda é que os custos do Estado reduzem. No caso, precisaria de menos divisas para vender, ou seja, o seu custo em salários com a moeda estrangeira desce, isto seria um dos benefícios. Para a população, no caso, o preço de importação sobe, o que criaria

um impacto negativo na balança de aquisição do cidadão, porque os preços vão disparar em kwanzas o que obrigaria a subida do salário dos funcionários, e, não sendo, provocaria um impacto negativo no poder de compra sobretudo da cesta básica. Eu acho que a medida de não desvalorizar a moeda é boa.

Que outras medidas podem ajudar na estabilidade dos preços?

O Estado deve é reduzir o custo de produção do petróleo porque, se vender o barril a 50 dólares, o custo de produção deve descer para além dos 40 para duplicar as receitas. A redução da inflação nos últimos dias reduziu de 42 para 36 e acredito que vai continuar à descer devido a queda que se tem registado no câmbio, mas pode não atingir os níveis previstos.

Se se prolongar o actual quadro económico, já se pode falar em fusões e aquisições?

Claro que isto vai acontecer, sobretudo para os bancos mais pequenos. Isto é se não se melhorar o ambiente do mercado. A fusão resulta no corte de custo e uma capacidade maior em termos de compra de moeda estrangeira, mas também por ser uma das formas de resolver a liquidez dos próprios bancos. A banca angolana é muito atractiva, mas também existem aqueles que não têm lucros e, se existir esta possibilidade, é uma importante fase.

O SBA estaria disposto a negociar uma fusão na banca nacional?

Se for um banco com interesse, estaríamos abertos em negociar, porque não podemos fazê-lo por fazer. É preciso que haja benefícios para os nossos clientes, os accionistas e o próprio Estado. Ou seja, todos os intervenientes devem sair a ganhar.

O VALOR sabe, através de informação já divulgada, da venda da participação dos 49% das AAA a um novo investidor. Este processo já está fechado?

Não está nada fechado. Continuamos com os nossos dois accionistas, que são o Standard Bank e as AAA. Ainda não houve uma assembleia-geral, em que se mudasse de accionistas.

Isto quer dizer que o negócio com outro comprador não fechou?

Isso vocês têm de falar com as AAA. O que eu sei é que os AAA estão a vender.

O que representaria para SBA a entrada do novo accionista?

Continua-se a operar normalmente. Temos a nossa reunião de accionistas, temos o nosso conselho de administração, o banco opera bem, temos a nossa ligação estrangeira, com a nossa 'empresa-mãe' e temos um resultado bom. O nosso resultado, nas nossas demonstrações financeiras, fala sobre o desempenho do banco. Não há problema. Se os accionistas um dia mudarem, se acontecer (não se pode especular), o banco continua a operar. O banco tem os seus padrões, tem as suas regras, é uma instituição sólida, tem as suas políticas, e não é o accionista que vai ter impacto naquilo.

O grupo SBA foi acusado recentemente, na África do Sul, de participar de um esquema de manipulação cambial, com o risco de ser condenado a altas multas. Como se defende o banco?

O caso está em curso no tribunal, mas posso assegurar que é uma acusação falsa. Ainda não foi ultrapassada, mas o Standard Bank não aceita aquela acusação. O sector bancário é complexo e muito exigente e cumprimos com as regras estabelecidas internacionalmente, para garantir que as boas práticas são devidamente observadas. Temos contratado peritos para investigar o caso, enquanto isso o Standard vai defender-se.



Manuel Tomás © VE

CHEGOU A SÉRIE GAME OF THRONES EM PORTUGUÊS

DStv

A DIVERSÃO
MORA AQUI



ESTREIA 4 DE JUNHO
NÃO PERCA DOMINGOS
ÀS 21H00

Na mítica Westeros, nove famílias nobres envolvem-se em conspirações e disputam o Trono de Ferro, símbolo do poder absoluto.

A DStv orgulha-se de apresentar **Game of Thrones**, agora em português. A série televisiva rodada em dez países diferentes com o maior elenco de sempre, bateu recordes de audiência em todo o mundo e já arrecadou 38 Emmy's. Em exclusivo no Pacote Bué da sua DStv.



POSIÇÃO
501



CONTROLO PARENTAL

dstvangola@ao.multichoice.com

www.dstv.com

Twitter: [dstv_angola](https://twitter.com/dstv_angola)

Instagram: [dstvangola](https://www.instagram.com/dstvangola)

www.facebook.com/DStvAngola

437 88

923 12 00 00

226 69 89 89

Economia/Política



78

Mil barris/dia é a quantidade reduzida da produção angolana, que se fixou nos 1.673.000 barris/dia.

9

Meses é tempo de prolongamento do corte da produção da OPEP mais a Rússia.

OPEP PROLONGA ACORDO DE CORTES

Angola mantém produção nos 1,6 milhões de barris diários até 2018

PETRÓLEO. Acordo anterior entre os membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) estabelecia o limite de cortes para Junho deste ano, mas a contínua volatilidade nos mercados internacionais leva o cartel a esticar a medida.

Por António Miguel

Angola vai manter o corte diário de 78.000 barris e fixar a sua produção nos 1.673.000 barris por dia até Março de 2018, conforme recomendação da OPEP sobre a redução da produção global do cartel.

A decisão foi tomada na semana passada no decurso da 172ª Conferência Ministerial da OPEP, em Viena, Áustria, em que foi decidido o prolongamento do corte da produção diária de petróleo por mais nove meses. O ministro dos Petróleos, Botelho de Vasconcelos,

representou o país no encontro.

Em finais de 2016, os Estados-membros da organização tinham aprovado um corte de 1,8 milhões de barris por dia, para reduzir o excesso de oferta e forçar a subida do preço nos mercados.

O acordo entrou em vigor em Janeiro de 2017 e terminaria já em Junho deste ano. O objectivo da OPEP, que conta com a colaboração da Rússia, o maior produtor fora da organização, é evitar que o preço do barril recue abaixo dos 50 dólares. A concertação de 2016 a foi de reduzir a produção de 33,7 milhões para 32,5 milhões de barris diários.

No entanto, a Nigéria e a Líbia, membros da organização, por causa da instabilidade política e militar internas, ficam de fora do acordo, não tendo de cumprir qualquer limite à produção. O Irão passa a ser

MEMORIZE

● **Angola apoiou a decisão do alargamento para mais nove meses do corte da produção da OPEP, defendida pela Arábia Saudita, maior produtor da organização. Na reunião de quinta-feira, 25, a Guiné Equatorial tornou-se no 14º país a entrar para a Organização dos Países Exportadores de Petróleo, depois de ter começado o processo de adesão há oito anos.**

abrangido. A Rússia está a cooperar com o cartel pela primeira vez em 15 anos. O anúncio do prolongamento do corte de produção diária teve reacção imediata nos mercados e os preços baixaram mais de 3% em Londres e em Nova Iorque, as maiores bolsas do mundo.

RECEITAS AUMENTAM 6,5%

O Ministério dos Petróleos mostrou-se favorável ao alargamento dos prazos dos cortes, pois acredita que o país tem beneficiado da medida. O Orçamento Geral do Estado (OGE) revisto de 2017 foi aprovado com previsão do preço do barril na ordem dos 46 dólares, mas, durante os últimos dois meses, o preço tem roçado os 50 dólares, fruto da redução.

A receita fiscal angolana com a exportação petrolífera, por exemplo, também aumentou 6,5% em Abril para mais de 760 milhões de euros, aproximando-se de novo dos máximos do início do ano, que foi o melhor registo em 16 meses.

Dados do Ministério das Finanças sobre as receitas com a venda de petróleo indicam que o país exportou 48.579.198 barris de crude em Março a um preço médio de 49

dólares. Este aumento é superior a 110 mil barris face ao mês de Março, mas com o preço médio a descer, no espaço de um mês, cerca de dois dólares. Desta forma, as vendas totais de petróleo ascenderam a 2.384 milhões de dólares em Abril.

Em Janeiro, a exportação angolana fixou-se nos 52.250.079 barris de crude, a um preço médio de 51 dólares, gerando receitas fiscais de 158,9 mil milhões de kwanzas, valor que só tem paralelo com Outubro de 2015. Já em Abril, essas receitas fiscais, relativas a 12 concessões de produção petrolífera, chegaram aos 141.585 milhões de kwanzas, enquanto em Março ascenderam a 132.983 milhões de kwanzas.

Em 2014, Angola exportava cada barril a mais de 100 dólares, mas o valor chegou a mínimos de vários anos em Março de 2016, quando a unidade se cifrou em 30,4 dólares. Cada barril de crude vendido por Angola em Abril ficou, em média, cerca de três dólares acima do valor que serviu de base à elaboração do Orçamento Geral do Estado para 2017, que é de 46 dólares.

Depois de Viena de Áustria, o ministro Botelho de Vasconcelos participará, de 31 de Maio a 3 de Junho em Baku-Azerbaijão, na 24ª Conferência e Exibição Internacional de Petróleo e Gás da Região do Cáspio. De acordo com a organização, o evento constitui uma oportunidade para discussões multilaterais sobre áreas energéticas de interesses comuns.

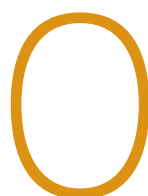
Economia/Política

COM POTENCIAL ESTIMADO EM 10 MIL TONELADAS ANUAIS

Estudo revela que não há no país produção de carne de frango

AVICULTURA. Censo Nacional Avícola revela que a produção de carne de frango, no país, é nula e que as metas de produção de ovos falharam em 50%, face aos resultados previstos, em 2014.

Por José Zangui



O potencial de produção de carne de frango, em Angola, está calculado em cerca de 10 mil toneladas ao ano, revela

um estudo recentemente divulgado pela Associação Nacional dos Avicultores, o mesmo que confirma o fracasso da meta governamental de atingir uma produção diária de quatro milhões de ovos, em 2017, contra os actuais dois milhões.

O Censo Nacional Avícola observa que muitas unidades fabris vocacionadas para a produção de carne de

frango estão paralizadas e explica o facto com a falta de espaços para a instalação de unidades avícolas e a falta de financiamento, situação agravada com a crise económica e financeira.

Em 2012, os avicultores instalados em zonas habitacionais, nas cercanias de Luanda, foram obrigados a encerrar as unidades para se instalarem no Bnego, medida justificada pelas autoridades com “preocupações de sanidade”.

Passados cinco anos, os avicultores continuam, no entanto, à espera das licenças de concessão de terra para iniciarem as actividades. No encontro nacional dos avicultores, recentemente realizado em Luanda, foi apontado o caso do projecto ‘Terra Prometida’, que, há mais de cinco anos, aguarda por uma licença de



exploração.

O secretário de Estado da Agricultura, Amaro Tati, afirmou, no encontro, ser conhecedor do ‘dossiê’, reconhecendo o atraso do processo. O governante prometeu que o assunto será retomado, podendo as unidades avícolas serem fixadas, na Quiminha, agora território de

Luanda. As queixas dos avicultores colocam-se numa altura em que o próprio Governo estabeleceu, como meta para os próximos cinco anos, atingir uma produção anual de 20 mil toneladas de carne de frango.

Os resultados do Censo Nacional Avícola, que surgem na sequência de encontros regionais realizados

em Benguela, Luanda e Kwanza-Sul, entre 2016 e 2017, foram apresentados pela associação, durante o seu primeiro encontro nacional, realizado, recentemente, em Luanda.

O processo permitiu também a recolha de dados nacionais ligados à cadeia produtiva agrícola, porém, não divulgados durante o encontro.

CONTRATAÇÃO PÚBLICA

Empresários ‘forçam’ compra de produtos nacionais

Francisco Viana,
o responsável
da CEA



A Confederação Empresarial de Angola (CEA) anunciou, para os dias 6 e 7 de Julho, a realização do ‘I.º Congresso de Produção Nacional’, um evento que deverá contar com a presença de empresários nacionais e convidados estrangeiros. Entre os vários assuntos programados, os empresários pretendem fazer valer a lei da contratação pública, que estabelece que as entidades do Estado devem destinar 30% para a compra de bens e serviços às

empresas locais. Mais do que isto, os empresários defendem que as compras devem ser a pronto pagamento e não por via da dívida pública, cujo pagamento quase sempre atrasa, deixando as empresas sufocadas e ainda com muitos impostos. Segundo o presidente da CEA, Francisco Viana, a situação actual dos empresários é de “emergência”, carecendo da intervenção do Estado para evitar que muitas empresas morram. Francisco Viana refe-

riu ainda que os empresários filiados à organização que dirige, num total de 51, entendem que o país vive “momentos difíceis, mas pode fazer mais e melhor.”

A solução, argumenta, é “não depender apenas do dinheiro do petróleo, mas olhar para a diversificação da economia com acções práticas”. O aumento da produção e a criação de cadeias produtivas serão debatidos num total de oito painéis.



O INSTITUTO NACIONAL DE HABITAÇÃO está a cadastrar as empresas do sector imobiliário, com vista a evitar casos de branqueamento de capitais e financiamento ao terrorismo.



A ADMINISTRAÇÃO GERAL TRIBUTÁRIA, pela repartição fiscal do Cuanhama, no Cunene, está a promover uma campanha de sensibilização sobre a importância do pagamento do imposto predial urbano.

ENCONTRO COM CLASSE EMPRESARIAL

JL promete economia “forte e estável”

ELEIÇÕES. Candidato do MPLA junta empresários em Luanda e pede compromisso, face à necessidade do aumento da produção nacional e serviços. João Lourenço quer economia diversificada.

Por Valdimiro Dias

Edivificar uma economia “forte, diversificada e estável” é o maior desafio que o MPLA assume no próximo ciclo de governação de cinco anos em caso de vitória eleitoral, promessa feita pelo cabeça de lista e vice-

-presidente do partido, João Manuel Lourenço, no encontro com a classe empresarial nacional, realizado na última quinta-feira em Luanda.

Para o MPLA, o alcance da meta passa pela implementação de políticas económicas mais adequadas para a diversificação da economia, substituindo o petróleo como principal fonte de receitas do país. A estratégia deve incluir também a adopção de medidas “para acelerar o desenvolvimento de



Mário Marques © AE

sectores que são intensivos em mão de obra, como agricultura, a agroindústria, a indústria transformadora, a construção, o turismo, o comércio, entre outros, que criam emprego e

garantem o desenvolvimento sustentável”, segundo o candidato do MPLA. Na incursão que fez à economia “doméstica”, o político instou todos os empresários (pequenos, médios e grandes) a enfrentarem o desafio de aumentar de forma “rápida” e “sustentada” a produção interna de bens e serviços, com realce para os da cesta básica. “Com isso, estaremos a distribuir melhor o rendimento nacional, aumentando o emprego, atribuindo salários justos e dignos aos trabalhadores”, observou.

O outro objectivo a alcançar, segundo o vice-presidente do MPLA, passa por reduzir “consideravelmente” a pressão sobre as divisas do país, usadas para a importação de bens de “amplo consumo”.

João Lourenço prometeu também

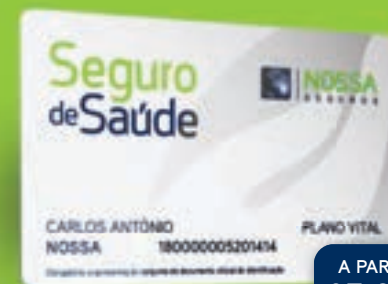
prestar atenção “especial” ao fomento das pequenas e médias empresas, “por constituírem a base do tecido empresarial responsável pela prestação de serviços e pela criação de riqueza e do emprego nas localidades e no município”. João Lourenço exortou igualmente a banca comercial a actuar como “credora do empresariado nacional”, alertando para a necessidade de o país ter bancos fortes e “com as melhores práticas e respeito dos padrões internacionais de compliance”, garantindo o combate ao “branqueamento de capitais”. O cabeça-de-lista do MPLA às eleições gerais de 23 de agosto, João Lourenço, prometeu também uma governação “transparente” e “menos burocrática”, nomeadamente agilizando a concessão de vistos para turistas e investidores.

PUB



A SAÚDE MAIS PERTO DE SI. SEGURO DE SAÚDE

Chegou o seguro de saúde para particulares que lhe dá acesso aos melhores cuidados de saúde, por muito menos do que imagina. Tome uma decisão saudável e saiba mais numa agência NOSSA perto de si ou em www.nossaseguros.ao



A PARTIR DE
85.000 AKZ
ANO



NOSSA
SEGUROS



MIL E 500 TONELADAS de arroz serão colhidas pelos camponeses na campanha agrícola 2016/2017, no município da Cameia, província do Moxico, informou, na passada sexta-feira, o administrador municipal adjunto, Benjamin José.



UM SEMINÁRIO sobre auditoria do valor aduaneiro, dirigido aos Serviços Aduaneiros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), foi realizado, em Luanda, com participantes provenientes de diferentes províncias.



Mário Mijetes@VE

PRIMEIRO PROJECTO PASSA PELA DINAMIZAÇÃO DO PORTAL DO CIDADÃO

Governança electrónica orçada em 25 milhões USD em 2018

SERVIÇOS PÚBLICOS. Programa foi aprovado há 10 anos, mas ainda não atingiu o principal desafio, que passa por congregar e atender serviços públicos on-line. Governo quer, a partir do próximo ano, ter 20 tipos de serviços disponíveis no portal do cidadão.

Por António Miguel

Angola prevê investir 25 milhões de dólares em projectos de dinamização do portal do cidadão e no melhoramento das infra-estruturas de comunicação via satélite, no âmbito da prossecução do Programa de Governança Electrónica, em 2018.

O primeiro projecto, que deverá custar 17 milhões de dólares, consiste na dinamização do portal governamental www.cidadao.gov.ao, que, actualmente, limita a disponibilização de algumas informações de cariz institucional. Nos planos do Governo, pretende-se que o portal congregue e processe todos os serviços públicos da administração do Estado.

Com a implementação dos serviços públicos no portal, as autori-

dades dizem pretender evitar que o cidadão se desloque para as instalações de instituições para tratar determinado documento. Para requerer um alvará, por exemplo, o requisitante deverá aceder ao portal com uma senha, explicando, a seguir, o documento que pretende e, automaticamente, o sistema lê os dados e processa o documento. Deste modo, o requerente vai à instituição apenas para receber o documento, projecto que deverá estar operacional a partir do próximo ano. “Isso combate as enchentes, reduz custos e poupa recursos financeiros, tanto do lado do Estado como do cidadão”, observa o director do Instituto Nacional de Fomento da Sociedade de informação (INFOSI), Manuel Homem.

A concretização desse desiderato, explica Homem, configura-se no principal desafio da governança electrónica, que prevê, para os próximos cinco anos, a disponibilização e atendimento de, pelo menos, 20 tipos de serviços públicos relevan-

17

milhões de dólares será para dinamizar o portal de serviço público.

MEMORIZE

- O subdomínio **gov.ao** é o que identifica o Governo na internet, enquanto o domínio **.ao** identifica Angola. O **.ao**, atribuído pela Organização Internacional de Gestão da Internet, é gerido pela Universidade Agostinho Neto. Ao INFOSI cabe apenas a gestão do domínio do Governo.

tes on-line. “Porque a nova dinâmica de gestão pública administrativas orienta que sejam os serviços públicos a ir ao encontro do cidadão e não o contrário. Então, uma das maneiras de resolver esta situação é congregar todos os serviços no portal do cidadão”, justifica.

Além da emissão de documentos via Internet, o plano de governança electrónica prevê também a interconexão dos sistemas de videoconferências, telepresenças, voz e criação de sites informativos das instituições públicas, com destaque para os ministérios e administrações locais (já funciona em 22 dos 33 ministérios). “Por exemplo, o Ministério da Justiça tem realizado reuniões em videoconferências com homólogos da CPLP. Isto tem grandes benefícios”, aponta Manuel Homem.

A segunda parte do program, que tem que ver com as vias de comunicação satélite (melhoramento da rede Vsat), está orçada em oito milhões de dólares que, somados aos 17 milhões de dólares do portal, perfaz 25 milhões. Garantir a soberania tecnológica é também um dos principais objectivos do Programa de Governança Electrónica. O Governo espera alcançar essas metas com o lançamento, previsto esse ano, do AngSat, satélite angolano, orçado em mais de 300 milhões de dólares.

TURISMO

Viagens às 18 províncias

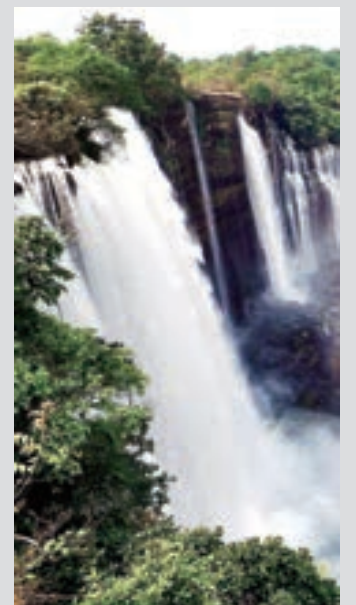
O Ministério de Hotelaria e Turismo tem programadas, para o ano de 2017, viagens de prospecção a todas as províncias, com o objectivo de promover o turismo interno e fazer conhecer o potencial de oferta de cada uma delas, anunciou, em Luanda, o director nacional do pelouro, Afonso Vital.

As visitas, segundo o responsável, visam também averiguar o que as províncias têm para oferecer em termos de património cultural, histórico e turístico.

A primeira viagem foi realizada em Abril para a cidade de Mbanza Kongo, na qual participaram 50 operadores do sector.

A próxima viagem está programada para os dias 8 e 9 de Junho à província do Kwanza-Norte, seguida pela província de Malanje. Nestas viagens, informou Afonso Vita, os operadores conhecem a realidade do sector, o que lhes dá a possibilidade de melhor, promover e vender os pacotes turísticos.

O responsável avançou que os resultados da primeira viagem foram positivos, sendo que 90% das pessoas que participaram na caravana não conheciam o acervo histórico daquela província.



Economia/Política

AGT ADMITE INJUSTIÇAS NA PAUTA ADUANEIRA DE 2012

Mais de 23 produtos são taxados fora das normas internacionais

IMPORTAÇÃO. Cinco anos depois, Angola viu-se obrigada a corrigir o seu principal instrumento fiscal, a Pauta Aduaneira versão 2012.

Inalda Conceição
directora da AGT, para
os serviços aduaneiros



Por José Zangui

A

Administração Geral Tributária (AGT) cobra, desde 2012, taxas que vão de 30% a 50% a pelo menos 23 produtos importados, entre os quais se destacam a ervilha, o feijão, o grau de bico, os fígados, entre outros, impostos considerados elevados face aos recomendados pela Organização Mundial do Comércio (OMC), que, para os produtos em causa, estabelece taxas de até 15%.

A directora dos serviços aduaneiros da AGT, Inalda Conceição, admite que muitos operadores económicos têm sido “injustiçados” com a aplicação das referidas taxas, por via da Pauta Aduaneira ainda em vigor, salientando ser “urgente” ajustar o actual quadro às regras internacionais.

Em recentes declarações à imprensa, o ministro das Finanças, Archer Manguerra, apontou outros fundamentos como estando na base da alteração da Pauta Aduaneira versão 2012, um processo que, no entanto, continua em curso.

A necessidade de assegurar a estabilidade macroeconomia e de estimular a produção nacional; a diversificação da economia; a redução das importações dos produtos da cesta básica, bem

As principais novidades da nova versão

- Das 400 mercadorias constante no novo documento, 87 estão livres de direitos de importação e imposto de consumo, com destaque para os sectores da agricultura e indústria.
- Reduziu em pelo menos 15% as taxas de 23 produtos.
- A entrada e saída de cadáveres nas fronteiras estão isentas de todo o tipo de pagamento, ficando apenas a obrigatoriedade da apresentação do documento de sanidade.
- As viaturas passam a ser taxadas não pelo critério de classificação do tipo ou luxo, mas sim pelo critério da cilindrada, a taxas mínimas de 10% e máxima de 40%.
- A importação de matéria-prima para produção nacional está isenta de pagamento.
- A mercadoria importada para a cesta básica deixa de pagar impostos.
- Proíbe a exportação de madeira em toro.
- Proíbe a importação de produtos nocivos ao ambiente, não especificados, por recomendação do Ministério do Ambiente.
- Mantém agravada as taxas de importação do tabaco.

como a redução do tempo e custo dos processos aduaneiros foram aspectos realçados pelo ministro para justificar a alteração do instrumento fiscal.

O projecto de Pauta Aduaneira do Sistema Harmonizado, versão 2017, está a ser apresentado, pelas autoridades, como “proteccionista”, sendo que algumas das taxas previstas foram reduzidas, incluindo as que incidem sobre os 23 produtos referidos, prevendo-se ainda maiores isenções para os produtores nacionais.

A Pauta ‘fecha’, entretanto, a porta a entrada de produtos que já são produzidos em Angola em

grandes quantidades, como o cimento, e mantém o agravamento das taxas de importação do tabaco.

Da parte da AGT, de acordo com a directora dos serviços aduaneiros, o documento está concluído, estando agora a receber algumas contribuições, visando a sua melhoria.

De acordo com as informações oficiais, a versão final da nova Pauta Aduaneira deverá ser remetida, em breve, ao Conselho da República para análise, seguindo depois para a Assembleia Nacional para discussão e aprovação.

TRIBUTAÇÃO

Mais de 700 cidadãos cadastrados na FIB/2017

Mais de 700 cidadãos, entre homens e mulheres, obtiveram o número e cartão de contribuinte pela 4ª região da Administração Geral Tributária (AGT), durante a 7ª edição da FIB

- Feira Internacional de Benguela, que decorreu de 17 a 21 de Maio, em Benguela.

Os dados foram avançados pelo chefe do gabinete de apoio ao

director da 4ª região daquela instituição, Heitor Lunda António. O gestor realçou que o número de contribuintes, também conhecido como “NIF” (número de identifi-

cação fiscal), habilita o cidadão a estabelecer relações entre si e outras entidades financeiras, mormente o Ministério das Finanças, ou entidades bancárias.



É GEOCIENTISTA? GEO-ENGENHEIRO? ESTÁ EM FORMAÇÃO?

REGISTE-SE EM

<http://quadros.mgm.gov.ao>

**E FAÇA PARTE DA BOLSA
DE QUADROS DO PAÍS**

O Plano Nacional de Geologia (PLANAGEO) é o maior investimento global jamais feito no nosso país no domínio das geociências, visando a actualização do conhecimento geológico nacional.

QUEM SE DEVE CADASTRAR?

Quadros técnico-profissionais e superiores e estudantes de:

Geologia, Hidrogeologia, Hidrologia, Geofísica, Engenharia Geográfica, Geodesia e Cartografia, Topografia, Geoquímica.

Engenharia de Minas, Laboratório, Matemática, Física, Química, Mineralogia e Petrografia, Sondagem, Geotécnica, Geocronologia e Paleontologia, Ciências Ambientais, Soldadura para a Mineração.

Computação, Gestão Mineira, Gestão Ambiental, Geologia Económica, Economia Mineira, Direito Mineiro.

PREENCHA O FORMULÁRIO DISPONÍVEL NO SITE

<http://quadros.mgm.gov.ao>

**1129 QUADROS
NACIONAIS JÁ SE
CADASTRARAM**

A COMPETÊNCIA AO SERVIÇO DO PLANAGEO E DA DIVERSIFICAÇÃO DA ECONOMIA



Contacto: quadros@mgm.gov.ao | +244 916 532 964

Política de privacidade O Ministério da Geologia e Minas garante que os dados que se registam durante o cadastramento serão utilizados apenas para questões estatísticas do conhecimento dos quadros.

Mercados & Finanças

NOVO ACCIONISTA AINDA NÃO ENTROU FORMALMENTE NO BANCO

Standard Bank Angola sob controlo exclusivo de sul-africanos

BANCA. Ausência de uma assembleia-geral de accionistas estará a impedir o registo das acções no novo accionista do SBA no BNA. O regulador estará à espera de documentação solicitada ao banco desde Agosto do ano passado.

Por Nelson Rodrigues

A gestão do Standard Bank Angola (SBA) está sob controlo exclusivo do accionista sul-africano há, pelo menos, dois anos, apurou o VALOR, na sequência da entrevista ao presidente executivo do banco, António Coutinho, (páginas 4,5 e 6).

Questionado sobre a venda dos 49% das acções das AAA no SBA à empresa Inpal, conforme revelado pela agência Bloomberg e pelo VE, em Maio do ano passado, Coutinho respondeu que “o negócio ainda não estava fechado”, remetendo explicações adicionais à seguradora AAA. “Não está nada fechado. Continuamos com os nossos dois accionistas, que é o Standard Bank e as AAA. Ainda não houve uma assembleia-geral, em que se mudasse de accionistas”, argumentou o CEO do banco de origem sul-africana, afirmando, entretanto,

ter conhecimento de que a seguradora estava a vender a sua participação.

Fonte autorizada das AAA assegurou, entretanto, que a seguradora já tinha alienado a sua participação a favor da Inpal Participações e que a empresa liderada por São Vicente não tinha, desde então, conhecimento do estágio em que se encontrava o processo. “Nós já vendemos a nossa parte e já recebemos os nossos valores. Se o negócio ainda não fechou, isto é com o banco e com o regulador, não tem nada que ver com as AAA”, referiu ao VE a fonte, que não avançou o valor do negócio.

Funcionários do SBA confirmam também que as AAA não têm qualquer representante ou administrador no banco há mais de um ano, mas não sabem explicar o atraso na entrada do novo accionista.

Contactada, a Inpal, o novo investidor que deve substituir as AAA na estrutura do SBA, escusou-se a fazer qualquer comentário sobre o assunto, situação que se verificou também por parte do Banco Nacional de Angola (BNA), que, até ao fecho desta edição, não reagiu à solicitação do VALOR.

Fonte próxima do regulador conhecedora do processo avançou, no entanto, que a finalização do negócio está dependente de um conjunto de documentos que

49%

Corresponde à participação compradas pelos angolanos da Impal ao antigo accionista São Vicente, dono do grupo AAA.

MEMORIZE

● O VALOR soube, de fonte próxima ao processo, que as AAA deram o negócio como terminado por terem recebido o total do pagamento das acções por volta de finais de 2014, e terão passado uma procuração irrevogável a favor da Inpal.



o BNA terá solicitado ao Standard Bank Angola e que, até à data, não foram entregues, apesar de a instituição liderada por Valter Filipe ter notificado o banco, por volta de Agosto de 2016, sobre o despacho que autoriza a venda da participação das AAA à Inpal. Segundo apurou o VALOR, o despacho do BNA que aprova o novo investidor terá sido exarado ainda no segundo trimestre de 2016 e, poucos meses depois, o regulador terá notificado o banco a remeter os documentos que condicionam o registo dos 49% das acções a favor da Inpal, entre os quais a acta de assembleia-geral de accionistas do SBA, a mesma que, segundo António Coutinho, ainda não aconteceu.

O não recebimento da acta da assembleia-geral de accionistas do SBA será assim, segundo fonte próxima do regulador, o que condiciona o registo das acções por parte do BNA. A fonte não comentou a razão do atraso da reunião dos accionistas do SBA, mas assegurou ter conhecimento de que, além da aprovação do BNA, o novo accionista ficou aprovado no processo de ‘due diligence’ do Standard Bank Group, entidade que terá notificado, por volta de Agosto do ano passado, as AAA e a Inpal que não terá encontrado qualquer razão que motivasse o impedimento do negócio.

O VALOR questionou várias fontes considerando a ausência da parte

angolana na gestão do banco, mas não obteve respostas. Um especialista em assuntos da banca comentou apenas que “um banco, nesta situação, poderá tirar partido dos dividendos que deveriam ser atribuídos à parte angolana e não o são com certeza”. “Pode gerir o risco dos créditos aprovados, bem como os investimentos que o banco esta a fazer à sua discrição, o que, se der prejuízos, será também danoso para o accionista angolano que não teve participação no processo decisório, e, nesta fase, pode usar da mesma discrição da disponibilidade de divisas e, por exemplo, beneficiar mais estrangeiros que nacionais”, analisa, apontando que “cabe ao BNA, enquanto regulador, verificar a conformidade da situação”.

A venda da participação das AAA no SBA à Inpal foi divulgada, pela primeira vez, em Maio de 2016, depois de a agência Bloomberg e o VE terem dado conta que a empresa liderada por São Vicente estava de saída do banco, alienando os 49% das acções a um novo investidor. Os detalhes contratuais da operação, incluindo os valores da transacção, não foram revelados. Mas o VALOR soube, de fonte próxima ao processo, que as AAA deram o negócio como terminado por terem recebido o total do pagamento das acções por volta de finais de 2014, e terão passado uma procuração irrevogável a favor da Inpal.



O BFA foi reconhecido com o 'Excellence Award', na categoria 'Digital/Website', com o seu relatório e contas de 2015, pelo Festival dos EUA que distingue a honra e excelência no marketing e comunicações, anunciou o banco.



A SOCIEDADE anónima de capitais públicos Recredit, criada apenas para gerir o malparado do BPC, vai alargar o seu raio de actuação às demais entidades bancárias nacionais, revelou a administradora Angélica Paquete.

COM A REDUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DO BPI NO BALANÇO DE 2016

BFA fecha primeiras contas em Luanda com lucros acima dos 60%

RESULTADOS. Primeiro balanço do banco fora do controlo do português BPI mostra o maior lucro dos últimos sete anos. Lucros fixaram-se nos 61,7 mil milhões de kwanzas e voltam a colocar o banco à frente no ranking dos cinco maiores. Expansão de 6,7% nos activos é outro indicador da influência angolana no negócio. Parceiro português já se ressentia da perda da participação.

Por Nelson Rodrigues

Os accionistas angolanos do Banco de Fomento Angola (BFA) aprovaram, no balanço financeiro do ano passado, o maior lucro da instituição desde 2010, no valor de 61.712 milhões de kwanzas, mais 63% do que as margens recolhidas em igual período anterior, de acordo com números do balanço dos dois últimos anos de actividade.

A contribuir para o sucesso operacional e para o salto acima de 60% nos lucros estão as margens financeiras, que avançaram 60,6% para 67.216 milhões de kwanzas em 2016 e o produto de 'outras operações bancárias', que se fixou nos 96,6 mil milhões de kwanzas contra os 70,2 mil milhões de 2015.

Esta é a primeira vez que as contas de balanço do BFA são consolidadas em Luanda, por conta do domínio pelos angolanos da Unitel, desde o ano passado, da maior parte das acções do banco, apesar de a operação apenas ter sido formalizada em Janeiro deste ano.

Antes da redução das participações do BPI no BFA, também designada redução de exposição a Angola, as contas do maior banco angolano em lucros eram fechadas em Portu-

gal. Só no primeiro semestre do ano passado, o banco da Unitel contribuiu com 86,9 milhões de dólares de um total de 116,4 milhões para os lucros do BPI. Ou seja, a influência do maior tomador da dívida pública angolana chegou a atingir os 74,6%. Um comunicado, divulgado imediatamente à publicação das contas do banco português, referia que o banco angolano ajudou o congénere português a crescer 39,1%, comparativamente a igual período anterior.

Integram actualmente a estrutura accionista do BFA a Unitel, de Isabel dos Santos, com 51,9%, e o Banco Português de Investimento (BPI), com 49,1%, após a cedência de 2% de participação no banco sedado em Luanda.

A compra pela Unitel de mais 2% do BFA "permitiu ainda resolver a questão dos grandes riscos imposta pelo Banco Central Europeu ao BPI, que obrigava o banco português a reduzir a sua exposição ao BFA", explicou a operadora móvel angolana, num comunicado dirigido à Comissão do Mercado de Valores Mobiliários português, a CMVM, após a formalização do negócio, a 5 de Janeiro.

O relatório e contas de 2016 disponível no portal da entidade não está acompanhado das notas do auditor e do conselho fiscal às notas do banco, além de não conter ainda a habitual mensagem do conselho de administração sobre o exercício financeiro decorrido e o resumo



Mário Leite,
o novo CEO
do BFA.

da actividade desenvolvida, desde a contratação de novos profissionais à aquisição de novos activos.

Depois dos lucros, o crescimento do activo é outro indicador que atesta a evolução do negócio em 2016. De Janeiro a Dezembro do ano passado, esta variável subiu 6,7%, ao sair de 1,2 biliões de kwanzas para 1,3 biliões.

PARCEIRO PORTUGUÊS COM PREJUÍZOS

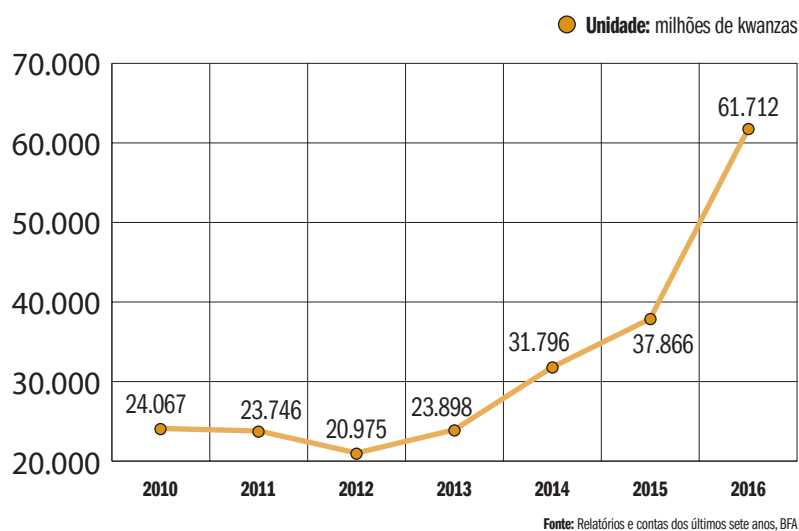
Com a redução da participação do BPI no BFA, as primeiras contas trimestrais de 2017 do banco português fecharam negativas. A instituição anunciou que, entre Janeiro e Março, perdeu 123,3 milhões de euros face aos lucros de 45,8 milhões arrecadados em igual período anterior.

Uma nota da entidade anexada aos resultados do primeiro trimestre explica que "o impacto da venda da participação de 2% para 49,1% e consequente perda de controlo da instituição foi negativo em 212,3 milhões de euros, sendo que, sem esse impacto, o BPI teria apresentado um resultado positivo de 90 milhões de euros".

A venda da participação, tornada obrigatória por parte do Banco Central Europeu, "fez com que o BFA deixasse de ser consolidado nas contas do BPI, passando a ser reconhecido apenas pelo método da equivalência patrimonial".

A operação de venda da participação de 2% à Unitel foi a moeda de troca para que a empresária Isabel dos Santos aceitasse vender a participação de 18,576% que a Santoro detinha na instituição, que tinha sido adquirida quando o banco brasileiro Itaú saiu do capital do Banco BPI, operação várias vezes criticada pelos anteriores accionistas do banco que, dada a evolução dos acontecimentos, acabaram por desistir da instituição, vendendo as acções ao CaixaBank.

Evolução dos lucros do BFA em 6 anos



Mercados & Finanças



Desde 2010 que se regista tendência de subida das operações nos multicaixas

1,2

Milhões, total de operações de recarga realizado nos multicaixas nos primeiros quatro meses

e, desta vez, com os valores a rompem a casa dos biliões: 2015, com 1,1 biliões de kwanzas, e 2016, com 1,4 biliões de kwanzas, num total de 204,7 milhões e 226,7 milhões de transacções, respectivamente.

Os pagamentos via TPA fizeram igual percurso de evolução. Só em 2010, o montante contabilizado nas operações com os TPA fixou-se nos 44 mil milhões, para um total de 4,9 milhões de transacções. A marcha prosseguiu para os anos seguintes: 2011, com 82,2 mil milhões; 2012, com 146,0 mil milhões; 2013, com 249,7 mil milhões; 2014, com 448,7 mil milhões; 2015, com 609,5 mil milhões; 2016, com 995,2 mil milhões de kwanzas.

ESTADO DOS CARTÕES MULTICAIXAS

No relatório da Emis, consta que, até 31 de Abril, o sistema contabilizava 5,09 milhões de cartões válidos, contra os 4,70 milhões do ano passado, e mais 3,59 milhões de cartões activos, que contrasta com os 3,44 milhões em igual período do ano passado.

O mais recente balanço da Emis sobre as actividades das caixas de pagamentos automáticas e dos seus respectivos terminais de pagamentos não separa as operações por tipo.

No relatório referente a Dezembro de 2016, e que o VALOR reproduziu na íntegra, colocava o levantamento de notas na primeira linha das operações realizada nos multicaixas, com saída de 172 mil milhões de kwanzas, num total de 11,8 milhões de movimentos.

A consulta de saldo de contas e as recargas vinham na segunda e terceira posições de transacções mais realizadas, com 10,2 milhões e 1,2 milhões de movimentos observados, respectivamente. Os multicaixas disponibilizam 16 tipos de operações bancárias, designadamente consultas de saldos, consulta de movimento, levantamento de notas, alteração de PIN, pedido de livro de cheque, captura de cartões, recargas e pagamento de facturas.

ENTRE JANEIRO E ABRIL

Corrida aos 'multicaixas' faz disparar levantamentos em 32,1%

TRANSACÇÕES: Famílias e empresas já movimentaram, entre Janeiro e Abril, quase 500 mil milhões de kwanzas nas caixas de pagamento automático. Março foi o mês em que mais dinheiro saiu, num total de 136,7 mil milhões de kwanzas. Em igual período do ano passado, valores não ultrapassaram os 376 mil milhões.

Por Nelson Rodrigues

As operações de levantamentos nos multicaixas totalizaram, nos primeiros quatro meses do ano, 496,7 mil milhões de kwanzas, representando um crescimento de 32,1% contra os 376 mil milhões em igual período anterior, de acordo com os dados mais recentes da Emis, gestora da rede multicaixa, a que o VALOR teve acesso.

Os 496,7 mil milhões de kwanzas foram 'dispensados' pelas caixas automáticas num total de 77,8

milhões de operações, realizadas por famílias, empresas e demais instituições utilizadoras dos cartões da rede multicaixa.

Março foi o mês em que mais dinheiro foi libertado dos aparelhos multicaixas, ao totalizar 136,7 mil milhões de kwanzas, seguido por Abril, com 125,7 mil milhões e Fevereiro com 121 mil milhões. O valor mais baixo do período, 113,3 mil milhões, foi cedido logo no início do ano, em Janeiro.

O breve relatório da Emis não dá explicações sobre a evolução do número de operações, nem do volume transaccionado durante os quatro meses do ano. Mas a situação pode ser justificada pela preferência dos clientes bancários aos

MEMORIZE

● **Março** foi o mês em que mais dinheiro foi libertado dos aparelhos multicaixas, ao totalizar 136,7 mil milhões de kwanzas, seguido por Abril, com 125,7 mil milhões e Fevereiro com 121 mil milhões.

multicaixas, evitando filas e perda de tempo nos balcões.

As operações com o terminal de pagamento automático (TPA) também evoluíram. De Janeiro a Abril, somaram-se 388,3 mil milhões de kwanzas

movimentados por via deste aparelho, para um total de 31,5 milhões de operações.

No multicaixa, a tendência crescente no número de operações, assim como na movimentação dos valores, remonta a 2010. O relatório de balanço da Emis contabiliza que, durante todo ano de 2010, as caixas de pagamento automático libertaram 297,0 mil milhões de kwanzas.

De lá para cá, as contas foram sempre a somar. Em 2011, o balanço fechou com 414,5 mil milhões de kwanzas, seguido por 2012, com 598,3 mil milhões, 2013, com 747,1 mil milhões e 2014 a fechar com 976,7 mil milhões de kwanzas.

Nos dois últimos anos de balanço, as contas da Emis continuaram a subir,



- ✓ Betão Pronto
- ✓ Pré-fabricados de Betão
- ✓ Pré-esforçados Ligeiros
- ✓ Betuminoso
- ✓ Aluguer de Equipamentos



✓ BETÃO PRONTO

- Classes de betão correntes
- Classes de betão especificadas

Para satisfazer as necessidades dos clientes, a Concera, S.A. produz, fornece e disponibiliza o serviço de bombagem do betão pronto, de acordo com as normas em vigor, tipos e classes especificadas.



✓ PRÉ-FABRICADOS DE BETÃO



✓ PRÉ-ESFORÇADOS LIGEIOS



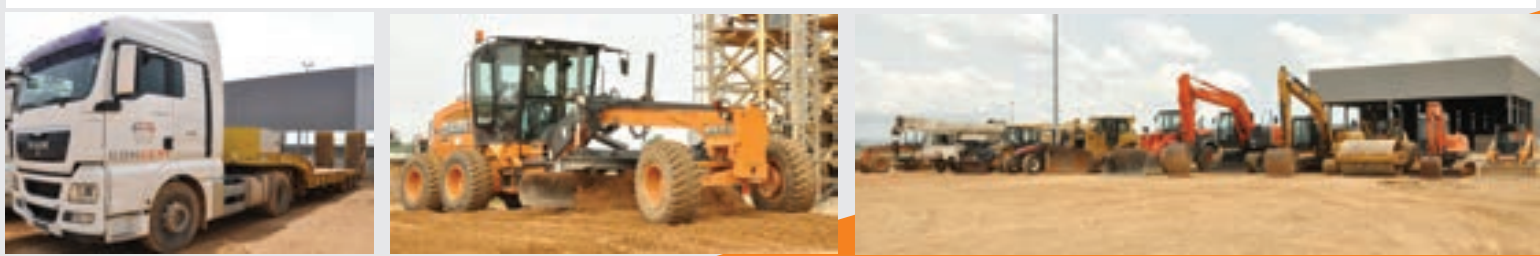
✓ BETUMINOSO

- Massas Asfálticas
- Aplicação de Massas Asfálticas



✓ ALUGUER DE EQUIPAMENTOS

- Máquinas para Movimentação de Terras
- Equipamentos de Movimentação de Cargas
- Transportes de Cargas e Equipamentos



Empresas & Negócios

SEGUNDO O INACOM

Angola Telecom ainda sem licença para telefonia móvel

TELECOMUNICAÇÕES. Empresa não terá ainda solicitado à entidade reguladora do sector licença para começar a operar no mercado da telefonia móvel no país. Processo poderá ainda durar largos anos até ser concluído, segundo o INACOM.

Por Valdimiro Dias

A Angola Telecom ainda não deu início ao processo de licenciamento que a vai permitir operar como a terceira empresa de telefonia móvel, no mercado nacional, conforme anunciado em Março do ano passado, revelou, em exclusivo ao VE, o presidente do conselho de administração do Instituto Nacional das Comunicações (INACOM), Lionel Augusto.

Em declarações ao VE, via telefone, Lionel Augusto explicou que o processo “é longo até ser concretizado”, e reforçou que, antes de seguir adiante, a própria empresa deverá definir as novas propostas de plataformas em que deverá actuar. O desfecho do processo depende assim, em grande medida, dos pas-

sos que a Angola Telecom vier a dar neste sentido.

O anúncio de que a Angola Telecom passaria a actuar como a terceira operadora de telefonia móvel, no país, saiu pela primeira vez a público, em Março de 2016, pela voz do então presidente do conselho de administração do INACOM, Pedro Bengue. Conforme o anúncio, a operadora pública passaria a concorrer directamente com as privadas Movitel e Unitel. Na altura, foi igualmente noticiado que a empresa estaria, primeiro, a ser alvo de um processo de reestruturação para só depois arrancar o serviço de telefonia móvel. O pacote integrado previa igualmente o desenvolvimento e fornecimento de serviços de dados (internet) e de televisão endereçada.

O VE tentou, inúmeras vezes, obter o posicionamento da direcção da empresa quanto ao assunto, bem como sobre o estado do processo de reestruturação em curso, ordenado por despacho presidencial, mas, até

1990

Data em que a Angola Telecom adoptou, pela primeira vez, o serviço de telefonia, terciarizando depois para a Movitel.

ao fecho desta edição, não obteve resposta do coordenador da comissão de gestão interina, Manuel António.

O despacho presidencial que determinou a reestruturação da operadora pública estabelece a capitalização da empresa, pela venda dos seus activos, além da transformação da unidade Infrast (que garante comunicações via satélite) em sociedade comercial.

Nas expectativas do Governo, de acordo com o decreto presidencial, a futura entidade gestora da Angola Telecom deverá adoptar medidas para estancar as perdas de quota de mercado e aumentar as receitas, além de diversificar a oferta de serviços.



Lionel Augusto,
PCA do INACOM

Nas contas da reorganização, calcula-se que o maior desafio da Angola Telecom passe por implementar o serviço de Televisão Digital Terrestre (TDT), cuja meta seria chegar a 117 municípios até Junho deste ano, através de um investimento estimado superior a 300 milhões de euros (mais de 330 milhões de dólares).

Aquando do início do processo de reforma da empresa pública, fontes citadas por alguma imprensa nacional e internacional teriam revelado que o processo estava a ser levado adiante, com o envolvimento de Isabel dos Santos.

Na altura, o VALOR apurou de fontes próximas ao processo que a empresária teria mesmo chegado a montar uma equipa de consultores liderada por um antigo administrador da Portugal Telecom, Pedro Durão Leitão, para avançar com o processo

de reestruturação da empresa pública. Três meses depois, o gestor português viria, entretanto, a abandonar a empresa angolana para integrar o conselho de administração da Caixa Geral de Depósitos (CGD), o banco comercial luso de capitais públicos.

A saída de Pedro Leitão, segundo as mesmas fontes, terá gerado “algum alívio”, entre os trabalhadores da Angola Telecom que, desde então, acreditam “num possível reajuste ou no atraso” do controverso plano de despedimento em massa que poderá mandar para a casa cerca de 600 colaboradores.

A Angola Telecom foi a primeira empresa, no mercado nacional, a adoptar o serviço de telefonia móvel na década de 1990, mas a empresa viria mais tarde a terciarizar o serviço para a Movitel que, entretanto, acabou privatizada.



Nova fábrica ‘promete’ reduzir importação de farinha de trigo

A primeira unidade fabril para a produção de farinha de trigo, em Angola, foi inaugurada, na passada sexta-feira, em Luanda. Avaliada em 101 milhões de dólares, a fábrica vai permitir incentivar a produção nacional de milho, ainda reduzida, segundo perspectivavam os promotores.

Instalada no porto de Luanda, numa área de aproximadamente 30.000 metros quadrados, a unidade da Grandes Moagens de Angola

(GMA) vai produzir 1.200 toneladas de farinha de trigo por dia, das quais 260 toneladas em farelo para complemento a ração animal, trabalhando 24 horas por dia, todo o ano.

Diminuir a importação de farinha de trigo em Angola e promover a produção de farinha de trigo e do próprio trigo localmente é o objectivo dos promotores, que numa primeira fase terão de importar matéria-prima directamente na Europa, América e Ásia.

Na inauguração da fábrica, que garante 150 postos de trabalho directos, o ministro da Economia de Angola, Abraão Gourgel, considerou que, com a nova indústria de farinha de trigo no país, o preço do pão no mercado será mais estável.

Com a fábrica a funcionar em pleno, o Governo prevê cortar em 60% nas importações de farinha de trigo, estimando uma poupança anual de 100 milhões de dólares.

O GRUPO empresarial POLTEC, de origem polaca, investiu 50 milhões de dólares numa fazenda, na zona de Caxito, no Bengo, com mais de 1,5 mil hectares de terra arável, anunciou o PCA da empresa, Tomasz Dowbor.



A INSTALAÇÃO do cabo submarino de fibra óptica, que vai ligar Angola ao Brasil, processo que está orçado em 170 milhões de dólares, deve ficar concluída em 2018, revelou o presidente da empresa Angola Cables, António Nunes.



Mário Muianga © VE



Claudio Muianga,
gestor de contas
da TETRA PAK

TETRA PAK

Gigante sueca quer modernizar fábricas em Angola

Por Valdimiro Dias

A empresa sueca Tetra Pak, principal fornecedora de embalagens de cartão para empresas de sumos e laticínios em Angola, pretende alargar a sua carteira de negócios ajudando a modernizar as fábricas existentes.

Considerada líder mundial em

soluções de processamento e embalagem de alimentos, a empresa refere que a assistência ao mercado nacional passaria pela instalação de linhas modernas de processamento e distribuição nas fábricas de leite e sumos.

Para já, a concretização do plano depende do volume de negócios nos próximos anos, referiu o director-geral da multinacional para a região Sul de África, John Strömblad, que esteve em Luanda na semana passada.

A visita visou apresentar soluções tecnológicas desenvolvidas pela Tetra Pak, e pontualizar os

69

Número de empresas que a multinacional controla em todo o mundo.

parceiros locais de que a entrada no mercado nacional se processaria de "distintas formas", as quais não especificou. Referiu entretanto que, enquanto esse plano não se

concretiza, a filial da empresa na vizinha África do Sul continuará a atender o mercado nacional.

O gestor cita Angola como o segundo maior destino das suas exportações na região Austral, onde atende 11 dos seus 14 integrantes, e a quarta na África Sub-Sahariana. As empresas Lactiangol, Ghion Alimentos, Refriango, Sogafil e Sovinhos são as suas principais clientes no país. A multinacional foi fundada há 61 anos e possui 69 fábricas em todo o mundo, que empregam mais de 23 mil trabalhadores e exportam para 170 países.

PUB





[Bio] Liderança Adaptativa®
A ciência da Liderança para desenvolver as capacidades de coordenação e influência



26 de Junho a 7 de Julho 2017

Está preparado para ser um Líder adaptativo?

Talatona -Luanda

Paulo Finuras, Ph.D

Benefícios deste workshop

1. Conheça uma forma inovadora de abordar os «segredos» da liderança para que os vossos gestores sejam mais eficazes na coordenação, influência e desenvolvimento das equipas que dirigem!
2. Obtenha uma visão alternativa sobre a liderança numa perspectiva evolutiva e adaptativa, desvendando as fundações psicológicas dos líderes e dos liderados.
3. Identifique os problemas básicos dos grupos e os perfis cognitivos de liderança adequados para os resolver de forma eficaz.
4. Adquira pistas de desenvolvimento pessoal face às suas características e à sua realidade organizacional

humanskillsangola@gmail.com



Organização

HS - Human Skills®
Consortium

Apoio

 **PRENOVA, LDA**

Media Partner

 **valor** ECONÓMICO

(In)Formalizando

PROJECTO PROMOVE INOVAÇÃO

Cerca de 30 jovens encontram primeiro emprego na ‘Fábrica de Sabão’

EMPREENDEDORISMO. Projecto ganhou o nome da Fábrica de Sabão, funcionando, deste modo, nas instalações da ex-fabricante de detergente de Luanda. A iniciativa de carácter social e económico está a tirar jovens do desemprego, no município do Cazenga, promovendo a criatividade e inovação.

Por António Miguel e Osvaldo Quilo

Pelo menos 30 pessoas encontraram já o primeiro emprego, no âmbito do projecto Fábrica de Sabão, lançado no ano passado, em Luanda. Maioritariamente moradores do Cazenga, município que acolhe a iniciativa de carácter social e económico, os beneficiários desenvolvem actividades em diferentes áreas de ofício.

No âmbito da promoção do empreendedorismo de inovação, o projecto, que funciona nas instalações da ex-fábrica de sabão do Cazenga e que dá o nome à iniciativa social, fez, no sábado, 27, a apresentação inaugural de um restaurante vegetariano.

“É basicamente uma coisa nova. Aquelas pessoas que gostam de alimentos 100% naturais podem vir ao Cazenga e encontrar a solução”, afirmou o gestor de instalações do projecto, Pedro Lubilu.

Ainda no sábado, fez-se a inauguração de um auditório e um salão de exposição do centro, que possui também uma incubadora de empresas. Pelo menos, quatro projectos de negócios, nas áreas de restauração, construção civil, confecção, reciclagem, e tecnologias de informação encontram-se incubados naquele espaço laboral e de recreação. Os mentores da ‘Fábrica de Sabão’ têm agendada

a construção de um atelier, campo multiuso, centro médico e a abertura de uma rádio comunitária.

Para ter acesso ao espaço, basta contactar a direcção do centro e apresentar ideias empreendedoras. O Fundo Activo de Capital de Risco Angolano (FACRA) é parceira do projecto e apoia as empresas em fase de iniciação.

Os empreendedores beneficiam ainda de formações sobre contabilidade, gestão de empresas e legislação comercial. “Mesmo que não tenha a empresa formalmente criada, nós apoiamos, sobretudo se for jovem. Claramente, em certos casos, nós podemos apoiar a legalização das ‘startups’”, explica Pedro Libilu.

Para os espaços dos empreendedores, é cobrada uma renda de acordo com o local, enquanto para os ‘simples’ utentes dos serviços do centro, como cursos, há uma lista de preços que podem variar entre os 500 e mil kwanzas. Para quem não pode pagar em dinheiro, deve fazê-lo com material reciclável que pode vir do lixo, como madeiras, pneus, garrafas de plástico e latas de alumínio.

O centro está composto por unidades contentorizadas transformadas em escritórios equipados, espaços de trabalho, salas de reuniões. O projecto Fábrica de Sabão, que envolve especialistas e mentores internacionais de ideias criativas, é fruto de uma parceria público-privada entre o Ministério da Indústria, a empresa Kijinga e o Fundo Sobrano de Angola.



REACÇÕES



Augusta Pinto,
empreendedora

“Comecei por recolher embalagens de plásticos e hoje tenho duas micro-empresas. Uma de produção de sumos naturais (Juice Bar) e outra de costura e decoração de objectos com tecidos africanos”.



Pereira Ngunza,
empreendedor

“Conseguí criar uma mini fábrica de mosaico de plásticos, graças ao apoio da coordenação do projecto. Tenho cinco funcionários e por dia produzimos cerca de 60 peças de azulejos de diversos tamanhos e vendemos mais de 800 mil, por mês”.

100.000 BOAS NOTÍCIAS PARA ANGOLA.



EM TODAS AS PROVÍNCIAS.

Agora, o jornal que você não dispensa para estar bem informado vai estar nas mãos de muitos mais angolanos. O Nova Gazeta tem **cem mil exemplares, todas as quintas-feiras**. Para chegar com força a todas as províncias. Com a imparcialidade, as notícias, a crítica e a actualidade que fazem falta.

www.novagazeta.co.ao

100 MIL. SEM CUSTO.

DE JURE

SUBVENÇÃO A EX-MINISTRO EM DEBATE

Polémica sobre a atribuição de subvenção vitalícia a ex-governantes

BENEFÍCIOS. Atribuição de subvenção vitalícia ao ex-ministro do Ensino Superior, Adão do Nascimento, levanta questionamentos sobre a oportunidade da aplicação da Lei sobre o Regime Jurídico e o Estatuto Remuneratório dos Titulares da Função Executiva do Estado.

Por Isabel Dinis

O ministro das Finanças, Archer Manguera, fixou uma subvenção mensal vitalícia de mais de 300 mil kwanzas ao ex-ministro do Ensino Superior, Adão do Nascimento, recentemente exonerado pelo Presidente da República.

A subvenção mensal vitalícia foi fixada em 75% do vencimento-base mensal que Adão do Nascimento auferia, enquanto ministro.

A subvenção é, segundo a Lei sobre o Regime Jurídico e o Estatuto Remuneratório dos Titulares da Função Executiva do Estado, atribuída ao vice-presidente da República, ministros de Estado, ministros, governadores provinciais, secretários do Conselho de Ministros e secretários de Estado.

Beneficiam ainda dessa prerrogativa os vice-ministros, secretários adjuntos do Conselho de Ministros e os vice-governadores provinciais. O Presidente da República, no entanto, não é abrangido

por essa lei. Mas a subvenção mensal vitalícia só é atribuída ao titular do cargo político que tenha exercido a função durante oito anos ou mais, consecutivos ou interpolados.

A mensalidade é suspensa se o beneficiário reassumir a função ou o cargo que esteve na base da atribuição. É ainda retirada caso o beneficiário assuma um dos cargos abrangidos pelo estatuto remuneratório, ou mesmo venha exercer o cargo de Presidente da República. Segundo a lei, o benefício pode ser suspenso se o respectivo titular assumir um cargo político não incluído na lei, mas que a remuneração seja não inferior à subvenção atribuída.

A subvenção mensal vitalícia é acumulável com a pensão de reforma a que o respectivo utente tenha direito. Em caso de morte, a subvenção passa a ser recebida pelo cônjuge ou pelos descendentes menores ou incapazes e os descendentes que estiveram ao seu cargo.

SUBVENÇÃO 'CONTESTADA' O montante atribuído pelas Finanças a Adão do Nascimento, dois meses depois de ser dispensado do seu mandato que começou em 2012, criou alguma "polémica" nalguns círculos, principalmente nas redes sociais. O debate instalou-se por o



Adão do Nascimento

MEMORIZE

● **A subvenção é, segundo a Lei sobre o Regime Jurídico e o Estatuto Remuneratório dos Titulares da Função Executiva do Estado, atribuída ao vice-presidente da República, ministros de Estado, ministros, governadores provinciais, secretários do Conselho de Ministros e secretários de Estado.**

país estar a passar por uma crise que obriga a cortes nas despesas e contraria a manutenção de subvenções vitalícias.

O jurista Pedro Kaparakata

defende a revogação dessa lei ou que se abra uma exceção para as pessoas que exerceram o cargo e não tenham meios para viver. O jurista diz, no entanto, que esse não é o caso de Adão do Nascimento, que ainda pode exercer a profissão e realizar outras atividades. "Para casos de pessoas cuja profissão pode ser exercida e estão em idade de exercer não se devia atribuir nada em absoluto, porque já merecem de estatuto e já acumularam algum dinheiro", defende.

Pedro Kaparakata considera que, nesta fase em que o país enfrenta uma situação de carência de receitas, em que está a suprir situações mais gritantes da saúde e do ensino, era aconselhável que "se lançasse mão ao que requer mais custos da

parte do Estado do que subvencionar pessoas que podem viver por si". O Jurista acredita que a lei deve ser para todos e que todos deviam apenas ganhar a pensão a que têm direito, que, genericamente, requeiram 30 anos de trabalho.

Ideia contrária tem a jurista Ana Paula Godinho, que não se incomoda que se atribuam subvenções vitalícias de modo a dignificar as pessoas, sobretudo, se prestaram serviços ao Estado. A jurista salientou que apenas não "acha correcto que só se atribuam benesses a uns e não a outros". "Se vamos atribuir essas benesses aos titulares dos cargos públicos, temos de fazer com toda a gente. Não é só atribuir aos que exercem cargos públicos sem atribuir aos outros."

Compreender a estagnação actual



ROBERT J. SHILLER

Desde a grande recessão de 2007-2009, os principais bancos centrais têm mantido as taxas de juro de curto prazo em níveis próximos do zero. Nos EUA, mesmo depois de aumentos recentes, as taxas de curto prazo mantêm-se abaixo de 1%, e as taxas de juro de longo prazo nos principais títulos soberanos estão similarmente baixos. Os bancos centrais têm suportado os mercados em níveis record, através da compra de enormes quantidades de dívida que conservam.

Porque será necessário todo este suporte de vida, por tanto tempo? Seria um simplismo dizer que a Grande Recessão causou esta realidade de longo prazo, (ajustadas à inflação) as taxas de juro não atingiram os baixos níveis durante o período o período 2007-2009. Se se olha para o rendimento dos títulos do tesouro americanos a 10 anos, nos últimos 35 anos, facilmente se vê um padrão contínuo descendente, com nada especial no período da Grande Recessão. A taxa de rendimento era de 3,5% em 2009, no fim da recessão. Agora está um pouco acima de 2%. O mesmo é verdade quanto às taxas de juro reais. Durante a Grande Recessão, o rendimento dos títulos do tesouro corrigidos da inflação (TTCI) a 10 anos chegaram a quase 3% e quase a 2% no fim da recessão. Desde então, o rendimento dos TTCI a dez anos tem vindo a descer e manter-se baixo, em 0,5 em Maio de 2017. O facto de as pessoas estarem dispostas a amarrar o seu dinheiro por dez anos a taxas tão baixas sugere que tem havido uma longa tendência para o pessimismo, que se reflecte na recente popularidade do termo “estagnação secular” para descrever uma economia perpetuamente fraca. Depois do antigo Secretário do Tesouro Americano, Lawrence Summers, usar o termo num discurso em novembro de 2013 no FMI, o colunista do New York

Times, Paul Krugman, pegou-lhe e tornou-se viral desde aí. Apesar da estagnação secular se ter tornado um ‘meme’ cinco anos depois da crise financeira de 2008, o conceito em si é bastante mais antigo. Apareceu pela primeira vez no discurso presidencial do economista Alvin Hansen, à Associação de Economistas Americanos em 1938 e no seu livro publicado no mesmo ano.

Hansen descreveu a “essência da estagnação secular” como “recuperações de doentes que morrem na infância e depressões que se alimentam de si próprias, deixando um rasto central de desemprego que parece imutável”. Quando Hansen fez este discurso, esperava que a estagnação económica dos EUA persistisse indefinidamente. A depressão, que tinha começado com o crash da bolsa em 1929, estava a aproximar-se do décimo ano, e a segunda Guerra Mundial ainda não tinha começado. Só quando a guerra começou, em 1939, é que a estagnação acabou.

A teoria do Hansen sobre a estagnação secular da era da Grande Depressão era baseada na observação da taxa de natalidade americana, que estava incomumente baixa nos anos 30, depois de já ter baixado drasticamente nos anos 20. Menos natalidade perpetuava a estagnação porque as pessoas não precisavam de gastar tanto com as crianças, e sentiam menor necessidade de investir no futuro. De facto, de acordo com o estatísticas do Banco Mundial, a taxa de natalidade média também caiu desde a crise de 2008. Mas a baixa fertilidade nada teve a ver com esta crise em particular, dado que as taxas de natalidade têm estado a declinar de forma constante desde a maior parte do último século.

Outra explicação é a de que a crise de 2008 ainda se mantém nas nossas mentes na forma de um receio acirrado de que eventos consequenciais tipo “cisne negro” possam ser iminentes, apesar de as pesquisas da confiança do consumidor indicarem positivamente e da relativamente

baixa volatilidade dos mercados (com algumas excepções). Uma pesquisa recente de Laura Veldkamp e Venky Venkateswaran da Universidade Julien Kozlowski defende que é racional manter esses receios porque, uma vez que um evento impen-sável ocorre, temos justificação para não o esquecer.

A minha própria teoria sobre a estagnação actual foca-se na crescente angústia quanto aos rápidos avanços tecnológicos que podem eventualmente substituir muitos ou a maioria dos nossos empregos, possivelmente alimentando uma desigualdade económica massiva. As pessoas podem estar cada vez mais relutantes em gastar hoje porque têm receios vagos quanto à sua empregabilidade a longo prazo – receios que podem não estar presentes conscientemente quando respondem a pesquisas de mercado. Se for esse o caso, podem ser precisos estímulos, na forma de taxas de juro baixas, para as manter a consumir. Uma onda constante de boas notícias a seguir a uma crise pode instigar um certo optimismo cego, sem eliminar de facto o receio de outra crise no futuro. Os políticos e a media alimentam este optimismo com narrativas cor de rosa que o público, em geral, não consegue analisar ou confirmar devidamente.

Desde 2012 que os mercados de

capitais e de imobiliário têm estado a atingir novos records. Mas o mesmo tipo de coisa aconteceu regularmente durante a Grande Depressão: a media constantemente a reportar picos record num indicador económico ou noutro. Uma pesquisa Proquest “notícias e jornais” do período 1930-1939 encontra 10,315 artigos com as palavras “pico record”, na sua maioria em história sobre variáveis económicas. Em 1933, no fundo da depressão, foram reportados picos record para produção petrolífera, trigo, ouro, preços de mercadorias, consumo de cigarros, depósitos postais, vendas ou lucros individuais de empresas e afins.

Estas notícias cor de rosa podem dar a impressão de que tudo está genericamente a melhorar, sem aliviar o medo de que se possa voltar a sofrer um evento economicamente catastrófico. Salvo se introduzidas medidas de estímulo excepcionais muito fortes, este sentimento de agouro vai limitar o consumo. A narrativa psicológica ensinou-nos que não há contradição: as pessoas podem manter narrativas psicológicas paralelas e contraditórias simultaneamente. Mas, quando as pessoas estão a imaginar cenários desastrosos, os decisores políticos têm de responder à altura.

Prémio Nobel de Economia em 2013 é professor na Universidade de Yale e autor da Exuberância Irracional

A teoria do Hansen sobre a estagnação secular da era da Grande Depressão era baseada na observação da taxa de natalidade americana, que estava incomumente baixa nos anos 30, depois de já ter baixado drasticamente nos anos 20.



Gestão

WORKSHOP A DECORRER EM LUANDA

Todo o líder é um arquitecto de estímulos



ENTREVISTA. Surpreendente e refrescante, Paulo Finuras fala ao VALOR sobre conceitos como “software mental” e “liderança evolutiva”. Sobre como a genética influencia a liderança, e considerando que o que define um bom líder não é ser diferente do que define um bom amante. E há mais neste ‘preview’ do muito que há para aprender na formação que decorre em Luanda.

Por Geralda Embaló

Lançou oito livros focados na gestão e na sua intersecção com temas como a interculturalidade, valores culturais, confiança e a evolução humana. Como é que estes campos se relacionam? A gestão é, em primeira instância, uma actividade humana. Ao contrário do que se pensa, não é nenhuma ciência, é uma arte. Socorre-se sim da ciência para ser exercida, prestigia-se, se tiver mais conhecimentos científicos na sua base. Se fosse uma ciência, todos faziam da mesma forma. Todos esses temas influenciam a gestão. Muitas vezes, as empresas têm maus resultados não por questões de mercado mas porque são mal geridas, mal lideradas, porque quem está à frente das empresas

muitas vezes não sabe motivar. E não sabe motivar porque pouco sabe sobre como é que funciona a motivação dentro das pessoas e vai por caminhos errados, confunde satisfação no trabalho com motivação, pode tentar mexer na primeira pensando que está a mexer na segunda, por exemplo, através de incentivos financeiros, mas não é por ganhar mais dinheiro que a pessoa vai estar motivada. E os líderes têm vantagens se souberem o que é que a ciência diz sobre isto. A nível científico, sabe-se muito sobre o que se passa a nível evolutivo. Costumo dizer, muitas vezes, que o que a ciência sabe as empresas não aplicam, porque muitos gestores se baseiam no senso comum.

Um dos temas relacionados com as suas pesquisas científicas e com os seus livros é o do software mental. É do que se tratam estas formações? O conceito de software mental, ou comportamental, do professor Hosser, tem a ideia de que o nosso cérebro funciona como

Muitas vezes as empresas têm maus resultados não por questões de mercado mas porque são mal geridas, mal lideradas, porque quem está à frente das empresas muitas vezes não sabe motivar.

um computador orgânico, programado pela natureza com um conjunto de módulos e funções, boa parte deles herdados do processo evolutivo. Não temos consciência de uma grande parte deles, mas para a liderança é um trunfo muito importante quando temos conhecimento e os podemos guiar e usar a nosso favor. Qualquer sistema quando se conhece bem a si próprio e o ambiente em que está inserido tem hipóteses de ser mais eficaz porque, se tiver mais informação, controla melhor. Quanto menos sabemos sobre nós e sobre os outros que fazem parte do nosso ambiente, mais reativos temos de ser, perdendo a oportunidade de ser proactivos e controlar os acontecimentos. Não é possível intervir numa máquina ou sistema sem saber como funciona. Há muitos comportamentos que são inerentes à nossa condição humana, à arquitectura mental que temos, que é importante para sabermos como influenciar os outros melhor, saber a que é que são mais sensíveis, a que dão mais importância. Todo o líder é um arquitecto de estímulos, porque faça o que fizer, está sempre a influenciar o comportamento dos outros. E não falo de incentivos materiais, falo de estímulos que são puramente cognitivos. Se não puser o nome das pessoas nas secretárias da sala de formação, as pessoas levam mais tempo a sentar-se,

se lá colocar o nome, as pessoas nem pensam nisso e sentam-se no lugar, é só um exemplo de como no dia-a-dia pode influenciar o comportamento. Hoje, o que sabemos do nosso cérebro resulta das evoluções científicas, da imagiologia, das neurociências, sabemos coisas que há 15 anos não imaginávamos. Hoje, vemos o cérebro a funcionar, vemos, por exemplo, uma pessoa a ver um programa que diz não gostar quando o cérebro diz o contrário. Isto tem consequências enormes ao nível da persuasão, do neuromarkting, da influência no comportamento, que estão estudadas mas que, muitas vezes, não chegam às empresas.

A sua tese de doutoramento focou-se no tema da confiança nas instituições de quatro países de língua portuguesa, Angola incluída. A que conclusões científicas chegou? A confiança é dos temas mais complexos. Uma das conclusões desse estudo é que o nível de confiança nas instituições depende da força que o Estado tem na sociedade. Quanto menos estatizada é uma sociedade, mais vêm ao de cima outros factores de confiança baseados nas relações sociais, porque para os cidadãos as instituições que deviam funcionar não funcionam e há que encontrar alternativas para se resolverem problemas. Em Portugal, o perfil que eu achei mais curioso dentro da confiança

“A confiança é dos temas mais complexos. Uma das conclusões desse estudo é que o nível de confiança nas instituições depende da força que o Estado tem na sociedade.”

nas instituições é que os cidadãos, ao contrário de nos outros países onde o estudo se focou, confiam mais nas instituições públicas, nomeadamente escolas e hospitais do que nas privadas, com a excepção do Estado Central em que não confiam.

E qual é a leitura do contexto da confiança nas instituições em Angola? Esse trabalho já tem cinco anos, mas, na altura, a confiança era fraca. Em Moçambique, era a mesma coisa. O que era preocupante nos dois países era um grau muito baixo de confiança nas instituições policiais, que era das mais baixas. Isto é preocupante porque são instituições extremamente importantes para a estabilidade da sociedade. Houve um investigador brasileiro que me contactou dizendo que tinha resultados semelhantes no Brasil. Se o cidadão não confia na polícia, tem de arranjar meios alternativos para se proteger e isso é preocupante. Espero que, desde há cinco anos, isso tenha mudado.

De que se trata a bioliderança adaptativa?

É um tema que se baseia nas novas teorias evolutivas ligadas ao comportamento humano. Trata-se de perceber em que medida o nosso comportamento é resultado do nosso longo processo de selecção natural e de evolução. Esta perspectiva propõe um conjunto de novos factores de liderança como é, por exemplo, a genética. Embora toda a gente esteja apta a adaptar-se e a coordenar outros, há pessoas que têm predisposição genética para o fazer, e isto hoje está demonstrado cientificamente. Há um gene, o RS4950, que explica 25% dos comportamentos de liderança, mostrando que há efectivamente pessoas com mais propensão para assumir a liderança que outras. Isto, claro, não impede que quem o tem não faça asneira, nem que quem não tem não possa desenvolver a aptidão para liderar. Para o fazer, é preciso conhecer a psicologia dos liderados, individual e de equipa, e têm de conhecer as características necessárias à melhor liderança, o que parte da avaliação, através de instrumentos para o efeito, das que já se tem, e o que

se tem de desenvolver.

O consórcio angolano Human Skills convidou-me para fazer uma série de workshops e palestras. Este é o primeiro momento de formação que vai acontecer, que tem que ver com a bioliderança, também chamada liderança natural, que não é só para líderes, mas para quem quer conhecer a psicologia dos liderados e dos líderes. Uma das coisas que não se costumam focar estes cursos é precisamente a psicologia dos liderados. É que, se não houver liderados, não há líderes. E sem esta componente, os cursos de liderança ficam reduzidos ao senso comum, não passam no crivo dos factos quando se analisa com mais atenção. Vai haver um segundo momento de formação em outubro, que vai analisar o tema da confiança, que é central e que atravessa todos os aspectos da sociedade.

O que é que define então um bom gestor?

Do ponto de vista evolutivo, o que define um bom líder não é diferente do que define um bom amante. O que as pessoas procuram num líder é o mesmo que procuram num parceiro. Os dois primeiros traços que se procura num parceiro e num líder são a inteligência e a confiança. Há mais quatro pelo menos, que vou desvendar no curso... (risos).

Porque é que há mais homens líderes do que mulheres nas empresas?

A resposta é exactamente a mesma que explica porque é que os criminosos são mais homens do que mulheres. O mecanismo é o mesmo e tem a ver com a evolução e com a divisão de papéis da reprodução. Os custos de reprodução são diferentes para o homem e para a mulher, e isso levou a comportamentos evolutivos por parte do homem que não preocuparam tanto a mulher. A liderança é uma forma de encontrar recursos. Os dados mais recentes mostram que, em geral, nas instituições públicas e privadas, em cada 10 líderes, oito são homens. Mesmo nas grandes empresas o rácio de mulheres nos cargos de topo da gestão não ultrapassa os 5%, e o que é curioso é que sabemos que onde há mais mulheres na gestão as instituições têm melho-

Há pessoas que têm predisposição genética para coordenar, e isto hoje está demonstrado cientificamente. Há um gene, o RS4950, que explica 25% dos comportamentos de liderança.

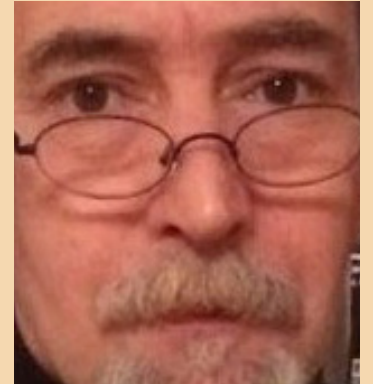


Do ponto de vista evolutivo, o que define um bom líder não é diferente do que define um bom amante. O que as pessoas procuram num líder é o mesmo que procuram num parceiro.



PERFIL

Paulo Finuras é cientista social evolucionista, Doutorado em Ciências Sociais e do Comportamento e investigador nas áreas da Biosociologia e da Psicologia Evolucionista. Conta com mais de 25 anos de experiência em diferentes continentes, é autor de oito livros, e um expert em formação de líderes de excelência.



res resultados. Um desfasamento claro, hoje em dia, o que funcionou muitos anos, o 'líder guerreiro' já não funciona, porque o ambiente mudou mais rápido do que o nosso cérebro, que não está a conseguir acompanhar as mudanças no ambiente.

Qual é o diagnóstico que faz dos recursos humanos em Angola, incluindo líderes?

Vou a Angola há mais de 20 anos. Angola é muito jovem e já evoluiu muito. Tive sempre nas universidades onde dei aulas muitos alunos angolanos e dá para ver uma evolução natural que depende dos conhecimentos que as pessoas vão adquirindo. O conhecimento transforma tudo e, quanto mais é desenvolvido, mais aptos estão os líderes também. Não posso dar uma resposta com muito rigor sem dados de investigação, gosto de distinguir entre a fé da ciência.

Quais diria serem os principais traços culturais que definem os líderes angolanos?

Há dois componentes de software mental essenciais ao desenvolvimento: a lealdade, que trata de criar líderes em quem se confie, que é uma capacidade extremamente difícil, e a disciplina. Com estes dois componentes, os desenvolvimentos podem ser muito rápidos. Não obstante, há desenvolvimentos que temos de ter em conta que são geracionais e que não acontecem de acordo com ciclos políticos de quatro ou cinco anos. Há etapas no desenvolvimento de um país que não se conseguem queimar, são precisas gerações. Angola é um país praticamente desde 2002 em termos estáveis, está ainda a meio de uma geração e, tendo isto em

conta, trata-se de um desenvolvimento extremamente rápido. Esta rapidez também pode trazer os seus problemas.

Mas traços culturais concretos...

Por exemplo, a distância ao poder é bastante elevada em Angola e isto tem aspectos funcionais e aspectos disfuncionais. Pode ser um gerador de disciplina, dependendo da preparação que se tem para desenvolver a disciplina. O Japão também tem uma distância ao poder elevada e é desenvolvido porque trabalha bem a disciplina, e há mais países como a Bélgica, França e Portugal. Mas um dos custos dessa distância é a centralização dos processos decisórios nas instituições e organizações, que é um custo em termos de tempo e dos canais de comunicação dos gestores, fazendo com que o gestor, por vezes, não saiba concretamente o que se está a passar porque as relações são menos directas. Outro traço comum é a capacidade de lidar com a incerteza no controlo, que é uma enorme vantagem se se tiver o conhecimento e os instrumentos para assim a usar.

Que tipo de transformação é espec-tável ao fim do workshop?

Espero que as pessoas saiam em estado de choque positivo, que é o que costuma acontecer, porque a ideia é que oiçam coisas que nunca ouviram. Este temas são realmente muito novos. Em Portugal, sou talvez a única pessoa a trabalhar neste campo, e esta área da teoria evolutiva da liderança tem tido desenvolvimentos extraordinários na Inglaterra e EUA, alguns na Holanda e pouco mais. São conteúdos muito novos que põem as pessoas a pensar.

Internacional

ESTREIA EM REUNIÕES DA ORGANIZAÇÃO

Donald Trump acusa 23 aliados da NATO de caloteiros

ACUSAÇÕES. Presidente norte-americano disse que há muitos devedores na Aliança e advertiu que 2% do PIB “é o mínimo” exigível para reforçar a defesa colectiva.

Por Redacção

O

presidente norte-americano, Donald Trump, declarou que, dos 28 países membros da Organização do

Tratado do Atlântico Norte (NATO), 23 não cumprem com as suas obrigações financeiras.

A acusação foi feita no discurso de inauguração de um monumento evocativo dos ataques de 11 de Setembro. Trump, na sua estreia em reuniões da NATO e naquela que foi a primeira intervenção pública antes de Bruxelas, foi bastante crítico em relação aos aliados que, na sua opinião “não estão a pagar o que deveriam” e sobrecarregam os Estados Unidos.

O republicano reiterou que tem sido “muito, muito directo” com o secretário-geral da organização militar, Jens Stoltenberg, e com os membros da aliança, ao notar que estes têm que contribuir com a sua quota-parte “justa” e cumprir as obrigações

financeiras. Trump referia-se ao compromisso, assumido na cimeira da NATO no País de Gales, em 2014, de, no espaço de uma década, todos os aliados destinarem 2% do respectivo Produto Interno Bruto (PIB) a despesas militares.

Na sua intervenção perante os

MEMORIZE

- A NATO é uma organização que defende a resolução pacífica dos conflitos. A organização constitui um sistema de defesa colectiva através do qual os Estados-membros concordam com a defesa mútua em resposta a um ataque por qualquer entidade externa à organização.

2%

Valor do PIB que cada Estado-membro da OTAN deve contribuir à organização.

restantes 27 chefes de Estado e de Governo da Aliança, Trump insistiu que, “nos últimos oito anos, os Estados Unidos gastaram mais em defesa do que todos os outros países da NATO combinados”. “Temos que reconhecer que com estes pagamentos insuficientes, crónicos e ameaças crescentes, mesmo 2% (do PIB) é insuficiente para colmatar as lacunas a nível de modernização, prontidão e dimensão das forças (da NATO)”, apontou.

Segundo os dados do relatório de 2016 da Aliança Atlântica, publicado em 13 de Março, no ano passado, apenas cinco aliados atingiram ou ultrapassaram o objectivo acordado, designadamente Estados Unidos (3,61%), Grécia (2,36%), Estónia (2,18%), Reino Unido (2,17%) e Polónia (2,01%).

Trump sustentou ainda que, se os países da NATO derem o seu contributo, a NATO será ainda mais forte, especialmente face à ameaça do terrorismo. Referiu que ataques como o ocorrido na cidade britânica de Manchester, que matou 22 pessoas e feriu mais de 50, vão repetir-se se não for feito mais para travar os jihadistas.



Donald Trump foi bastante crítico em relação aos aliados



Beatriz Buchili, PGR de Moçambique

ESCÂNDALO DAS DÍVIDAS OCULTAS

PGR de Moçambique manda investigar origem de documentos “falsos”

A Procuradoria-Geral de Moçambique (PGR) anunciou que abriu um processo para investigar a origem de documentos alegadamente falsos que circulam nas redes sociais sobre a auditoria ao caso das dívidas ocultas.

O porta-voz da instituição, Orlando Generoso, declarou que a publicação e circulação de documentos daquela natureza, com objectivo de desvirtuar a verdade, podem constituir crimes.

O anúncio foi feito numa conferência de imprensa em Maputo, em que a instituição se distanciou dos documentos, os quais mencionam nomes de políticos moçambicanos no caso das dívidas ocultas.

A investigação para apurar a origem destes documentos decorre em parceria com empresas internacionais ligadas às tecnologias de informação. “Toda a informação da auditoria realizada pela Kroll a pedido da PGR

que não for comunicada ao público pela instituição deve ser considerada irrelevante”, reiterou o porta-voz.

A consultora Kroll foi escolhida no final do ano passado pela Procuradoria para averiguar a existência de infrações de natureza criminal, entre outras, no processo de constituição, financiamento e funcionamento das empresas Proindicus, Ematum - Empresa Moçambicana de Atum e MAM - Mozambique Asset Management. Em causa está o destino de cerca de 2,2 mil milhões de dólares de dívidas contraídas entre 2013 e 2014 pelas três empresas estatais junto de bancos estrangeiros com garantias do Governo que não foram aprovadas no parlamento nem inscritas nas contas públicas.

O escândalo ganhou contornos no princípio de 2016 e o Fundo Monetário Internacional (FMI) e um grupo de 14 doadores internacionais congelaram os apoios ao orçamento de Estado, exigindo uma auditoria como condição prévia para retomar os apoios.

A ECONOMIA do Reino Unido cresceu, nos primeiros três meses do ano, menos que nos meses anteriores. O crescimento fraco no sector dos serviços e a inflação foram os factores que mais contribuíram para o abrandamento económico.



A MOODY'S cortou o rating da China, de Aa3 para A1. A agência de notação norte-americana teme o "aumento significativo" da dívida, em termos público e privado, e o abrandamento do crescimento.



EM PORTUGAL

Fundador do BPN condenado a 14 anos

O fundador do Banco Português de Negócios, Oliveira Costa, foi condenado a uma pena de prisão efectiva de 14 anos por falsificação de documentos, fraude fiscal qualificada, burla qualificada e branqueamento de capitais.

O julgamento foi considerado o maior caso de burla da história da justiça portuguesa, declarou o juiz Luís Ribeiro, que presidiu o colectivo de juízes responsáveis pelo julgamento do processo principal do 'caso BPN', que durou mais de seis anos.

A sentença lida, na semana passada, foi feita sem a presença de Oliveira Costa, por motivos de saúde. O

tribunal deu como provadas a maioria das acusações no processo sobre a falência do banco BPN. Dos 15 arguidos, 12 foram condenados.

O julgamento deste processo, o principal do caso BPN, arrancou em Dezembro de 2010 com 14 arguidos, depois da extinção das acusações contra a empresa Labicer e após o tribunal ter declarado a empresa de cerâmica

insolvente e ter decretado a sua liquidação. No início de Junho do ano passado, o Ministério Público português pediu penas de prisão para 14 dos 15 arguidos que restavam depois da falência da Labicer no processo principal do caso BPN, com destaque para condenações entre os 13 e os 16 anos solicitada para o ex-presidente Oliveira Costa.



PUB

INVESTIMENTO PÚBLICO

FMI recomenda à Alemanha que gaste mais

O Fundo Monetário Internacional (FMI) defende que a Alemanha deve gastar mais dinheiro, investindo os recursos acumulados graças aos impostos públicos em grandes investimentos públicos, como infra-estruturas que representem um potencial de crescimento.

As recomendações do FMI chocam com as posições do ministro das Finanças alemão, Wolfgang Schäuble, que anunciou um

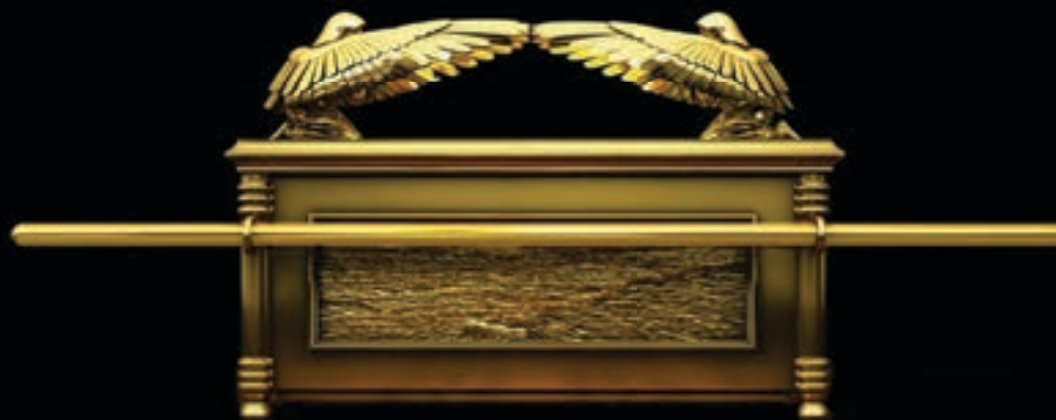
aumento das receitas com origem nos impostos, rejeitando ainda a hipótese de que a Alemanha não estaria a investir o suficiente.

O FMI referiu que a economia alemã "porta-se bem", mas que é necessário mais investimento, porque o envelhecimento da população pode vir a pôr em causa possibilidades de crescimento a longo prazo.

Como exemplos de um possível investimento, a organização fala de infra-estruturas de assistência para a saúde, para as crianças ou de integração dos refugiados. O relatório tocou ainda na possibilidade de redução da carga fiscal sobre os trabalhadores.

ARCA DA ALIANÇA
E M A N G O L A

O COMEÇO DE UMA NOVA HISTÓRIA



Jesus Cristo é o Senhor
UNIVERSAL

Ambiente

PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO FOI PROMOVIDO PELA FAO

Terras secas podem ser o futuro do nosso clima

CLIMA. Google revela a existência de 467 milhões de novos hectares florestais em terras áridas, equivalente a 60% da Austrália e que pode ser decisiva para travar as mudanças climáticas.



Com todos os avanços tecnológicos no que toca ao mapeamento, é incrível como é que estas florestas ficaram escondidas durante tanto tempo

AS 'DRY LANDS'

Este tipo de terras compõe 40% do planeta terrestre. Têm mais capacidade para suportar árvores e florestas do que aquilo que antes se pensava e são uma oportunidade única para combater as alterações climáticas através da sua preservação, até agora ignorado.

Alguns dos ecossistemas mais ameaçados encontram-se em terras secas e muitos deles enfrentam a pressão das alterações climáticas e da actividade humana, que as tornarão ainda mais quentes e secas. Podem aumentar entre 11% e 23% até ao final deste século, o que significaria que cobririam mais de metade do nosso planeta.

É essencial monitorizar a saúde destas florestas que são agora conhecidas e aproveitar as potencialidades destas regiões para lutar contra a desertificação e contra as alterações climáticas.

Estas zonas contam com 1.327 milhões de hectares de arvoredo, o que representa 9% da superfície florestal do planeta. Assim está realçada a necessidade de conservação e crescimento das florestas nestas áreas.

Esta descoberta irá mudar a precisão dos modelos utilizados para calcular a quantidade de carbono armazenado na Terra, o que ajudará na definição do carbono dos vários países, que têm como meta o cumprimento do acordado no Protocolo de Quioto e no Acordo de Paris.

Embora ninguém se questione sobre o aumento das emissões de CO₂ (dióxido de carbono) para a atmosfera, a capacidade da biosfera para absorver carbono ainda apresenta muitas dúvidas. “Os nossos resultados mostram que essa capacidade é maior do que aquilo que esperávamos”, explicou Jean-François Bastin, o investigador da FAO e o principal autor do estudo.

Imagens do Google e da Bing revelaram a existência de 467 milhões de novos hectares de floresta em terras áridas, uma área que equivale a 60% da Austrália e que pode ser crucial para impedir as transformações climáticas.

Estas novas florestas foram descobertas pelo levantamento das ‘Dry Lands’, em português Terras Secas. Elas recebem muito menos água em precipitação do que aquilo que perdem pela transpiração das plantas, relata a revista Science. Pesquisas anteriores não revelaram nem 45% das florestas agora encontradas nestas terras secas.

O projecto de investigação foi promovido pela Organização das Nações Unidas para a Alimenta-

ção e Agricultura (FAO) e envolveu mais de 200 cientistas, estudantes e investigadores de 15 organizações diferentes, incluindo o professor da Universidade Politécnica de Madrid (UPM), Luis Gonzaga Garcia Sentinel. O estudo utilizou imagens de alta resolução do Google Earth Engine, capturadas pelo satélite Digital Globe.

Importa referir, no entanto, que os 467 milhões de hectares não são contínuos. Eles representam a soma de todas as áreas descobertas nos vários continentes, mas principalmente na África Subsariana, em torno do Mediterrâneo, a região central da Índia, Austrália litoral, oeste da América do Sul, nordeste do Brasil, norte da Colômbia e Venezuela e regiões do norte florestal do Canadá e Rússia.

Com todos os avanços tecnológicos no que toca ao mapeamento, é incrível como é que estas flores-

9

por cento é a proporção das novas florestas em terras áridas, face à superfície florestal do planeta

tas ficaram escondidas durante tanto tempo. Porém, devido à baixa densidade das árvores, a sua medição era difícil.

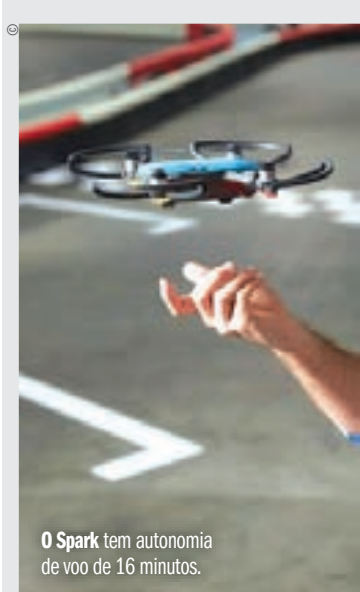
“Esperávamos menos”, reconhece a directora do Instituto Argentino de Investigação de Zonas Áridas e co-autora do estudo, Elena María Abraham.

MEMORIZE

Os 467 milhões de hectares representam a soma de todas as áreas descobertas nos vários continentes, sobretudo na África Subsariana, em torno do Mediterrâneo, a região central da Índia, Austrália litoral, oeste da América do Sul, nordeste do Brasil, norte da Colômbia e Venezuela e regiões do norte florestal do Canadá e Rússia.

“O importante é que, através da identificação de uma maior área florestal seca, estamos a redesenhar o mapa das terras secas. Perante um cenário de alterações climáticas e desertificação nas terras secas, é crucial saber o recurso mais importante que temos, como é o caso destas terras”, acrescentou.

Educação & Tecnologia



O Spark tem autonomia de voo de 16 minutos.

A 500 DÓLARES

Drone controlado com gestos de mão

A fabricante chinesa de drones DJI anunciou, na passada semana, um novo modelo de aeronave que pode ser controlado com gestos de mão, o Spark. Pesa 300 gramas, tem autonomia de voo de 16 minutos e custará a partir de 500 dólares quando for lançado no início de Junho.

De acordo com a DJI, o Spark pode alçar voo a partir da palma da mão do usuário. E bastam alguns comandos gestuais para ele retornar ou posicionar-se para tirar uma foto – a sua câmara permite fazer imagens de 12 megapixels e gravar vídeos com resolução 1080p.

Também é possível controlar o Spark usando smartphone, controlo remoto e os óculos de realidade virtual da DJI, o Goggles. Nessas condições, o drone atinge a sua velocidade máxima de 50 km/h e transmite vídeos com resolução de 720p a uma distância de até 2 km.

SEGUNDO UM ESTUDO BRITÂNICO

Instagram é a rede social que mais prejudica a saúde mental

REDES SOCIAIS. Explicação está no facto de ser a rede social que provoca níveis mais elevados de ansiedade. YouTube foi o único com nota positiva.

As redes sociais têm tanto de bom como de mau. Fazem parte do dia-a-dia de (quase) todas as pessoas, mas são os mais novos aqueles quem mais uso lhes dão, seja para publicarem uma selfie ou para falarem com os amigos. No entanto, uma utilização constante pode provocar danos no utilizador e, segundo um estudo britânico levado a cabo pela Royal Society of Public Health (RSPH) e pela Universidade de Cambrige, o Instagram é a rede social que mais afecta a saúde mental dos mais jovens, provocando grandes níveis de ansiedade e levando, em especial as raparigas, a ter problemas com o próprio corpo.

Os jovens que passam mais tempo por dia em redes sociais como o Facebook, Twitter ou o Instagram são mais propensos a sofrer problemas de saúde mental, sobretudo angústia e sintomas de ansiedade e depressão – pode ler-se no estudo levado a cabo pela RSPH. O estudo contou com a análise das reacções de 1.500 britânicos, entre os 14 e os 24 anos, aos conteúdos das diversas redes sociais. Foram avaliados 14 factores, positivos e negativos, nos quais estas redes podem ter influência na vida das pessoas. O estudo concluiu que os jovens consideram o Instagram como algo negativo para a sua auto-estima, para as horas de sono e no medo de exclusão por não estarem em determinado evento.

O Instagram surge em último lugar da lista, uma vez que provoca, em maior número, vários sentimentos e preocupações que não são saudá-

veis. Os problemas relacionados com a imagem corporal são dos factores mais marcados na rede social. A partilha de corpos considerados perfeitos pode levar a que muitas pessoas, em especial do sexo feminino, se sintam pior com o seu próprio corpo. Logo depois vem os problemas de sono, seguidos pelo bullying, ansiedade e depressão.

Das cinco redes sociais (YouTube, Twitter, Facebook, Snapchat e Instagram), apenas a plataforma de vídeos conseguiu alcançar resultados positivos para a saúde, uma vez que permite uma maior expressão por parte do utilizador, proporciona mais entretenimento, companhia (semelhante à televisão), entre outros factores.

O Twitter e o Facebook afec-

MEMORIZE

- Das cinco redes sociais, YouTube, Twitter, Facebook, Snapchat e Instagram, apenas a plataforma de vídeos conseguiu alcançar resultados positivos para a saúde, uma vez que permite uma maior expressão por parte do utilizador, proporciona mais entretenimento, companhia (semelhante à televisão), entre outros factores.

90

por cento dos jovens entre os 16 e os 24 anos utilizam a Internet maioritariamente para estarem nas redes sociais



Os jovens são as principais vítimas da ansiedade provocada pelas redes sociais.

tam sobretudo o sono e provocam o aumento do cyberbullying, aliado ao medo de se sentir excluído de algum evento. Sendo que ambas são plataformas onde são partilhadas diversas informações e pensamentos, permitem um grande nível de expressão e que as pessoas se relacionem umas com as outras; no entanto, facilitam o lado negativo, oferecendo a protecção atrás de um ecrã.

O Snapchat aparece logo de seguida com o maior factor de risco a ser apontado para o medo de exclusão e a falta de sono, uma vez que esta rede social permite a divulgação de pequenos vídeos e fotos de um evento que está a decorrer e leva os utilizadores a sentir um aumento de ansiedade por não poderem estar presentes no evento. Também o cyberbullying e os problemas ligados à imagem corporal são factores aumentados pela utilização do Snapchat. Segundo dados avançados pelo estudo britânico, cerca de 90% dos jovens entre os 16 e os 24 anos utilizam a Internet maioritariamente para estarem nas redes sociais. Os valores de ansiedade e depressão aumentaram cerca de 70% nos últimos 25 anos, e um factor que está directamente ligado a estes valores são as redes sociais. Além disso, também o sono é afectado devido a uma espécie de círculo vicioso.

Se a pessoa se sentir preocupada, ansiosa ou stressada, vai ter dificuldades em descansar em condições. A falta de sono vai provocar um cansaço acima do normal que gera dificuldades em cumprir as tarefas do dia-a-dia. O facto de não conseguir realizar determinadas tarefas vai afectar a auto-estima do utilizador e isso vai gerar mais preocupação.

Conclui-se que o cyberbullying está a crescer cada vez mais, com sete em cada 10 jovens a admitirem que já o experienciaram. No entanto, nem tudo é mau. Nas redes sociais, recebe-se um maior apoio emocional através dos contactos online.

Marcas & Estilos

Sons reais

Existem muitas razões pelas quais o LS50 é um dos melhores altifalantes da KEF, e a maioria deles tem uma maneira incrível de emitir o som. O KEF LS50 projecta um cenário sonoro hiper-realista com seus 'drivers Uni-Q' personalizados, capazes de reproduzir fielmente sua música como verdadeira para a gravação original possível.

Classes cultas

O Nautilus 3.700 foi projectado pelo Gerald Genta e lançado em 1976. Foi o primeiro relógio desportivo que Patek Philippe lançou e, desde então, tornou-se num clássico culto e favorito entre os colecionadores.

Pedras de lava

O seu nome autêntico é 'El Secreto del Pirata Lava Stone'. O colar é feito de pedras vulcânicas, conhecidas como pedras de lava. Comporta uma pedra de lava de 8mm, um crânio de Flibustier e prata esterlina e cilindros artesanais para a fechadura.

Para novos climas

As mangas compridas de algodão deste pulóver preto vão adequar-se ao novo clima que se aproxima. A gola, punhos e a bainha vão protegê-lo de qualquer resfriado. O logótipo na bainha dianteira da Fendi Black evidencia ainda mais a sua costura tonal.

Exclusividade

A camisa de cetim de manga curta em bege é uma assinatura listrada em vermelha e azul-marinho. O colarinho torna-a única, e o botão de fecho de frente faz dela uma exclusividade. As aplicações multicoloridas com bordado metálico fazem desta peça da Gucci a mais querida do Canadá.

Luxos confortáveis

Amble significa 'mover-se lentamente'. Este assento suspenso gracioso da Tom Raffield simboliza um momento para relaxar. Com a aparência de um círculo perfeito, este projecto heterodoxo é, na verdade, uma corda que flutua no espaço. O Amble vem com a opção de um tapete de pele de carneiro Cornish puro luxuosamente confortável em marfim.

TURISMO

Casa... blan... branca

Casablanca é uma das principais cidades de Marrocos, portuária e industrial, cujo nome foi inspirado na primeira casa construída depois do terremoto que destruiu a antiga cidade berbere de Anfa em 1755: era branca e servia de ponto de referência aos viajantes que cruzavam o país e aos navios que se aproximavam da costa. Os árabes traduziram a expressão para 'Dar El Beida', mas os mercadores espanhóis oficializaram o nome e mantiveram a característica básica da arquitectura: as casas são todas brancas. É aqui que mora o fascínio maior da cidade com ruas em labirintos. A cidade também ficou famosa pelo célebre filme de Michael Curtiz, filmado em 1942, que lhe deu uma auréola de romance. Para chegar lá, basta apanhar o avião em Luanda.



AUTOMÓVEL

Harmonioso, sóbrio e atraente

Com estreia simultânea ao SUV compacto Tiggo 2, o Chery Arrizo 5 é a aposta do modelo de um sedã médio. Segundo a própria montadora, a vendas deve acontecer no início do segundo semestre de 2017.

Não há dúvidas de que o modelo que recebe mais atenção de vendas e mercado no momento é o Tiggo 2. Os motivos são óbvios: num segmento menos competitivo e com mais diferenciais para oferecer, trata-se de uma

cartada mais segura do que tentar fazer frente a outras marcas.

É bonito, elegante e adequado para um carro médio. Bastante harmonioso, com linhas sóbrias e atraentes. Falta apenas um pouco mais de personalidade para o modelo ser verdadeiramente competitivo.

Bem acabado com couro e bom gosto na disposição de itens, o modelo conta com uma generosa tela sensível ao toque.



AGENDA

LUANDA

2 DE JUNHO

5.ª Edição da Gala Palanca Negra Gigante, na Casa 70. A partir das 20 horas. Bilhetes a 20 mil kwanzas.

2 DE JUNHO

Anselmo Ralph apresenta 'O Meu Concerto' com convidados, na Eplanada Grill, Ilha de Luanda, a partir das 21 horas. Bilhetes a 23 mil kwanzas, incluindo 'buffet'.

3 DE JUNHO

Grande 'show' de Puto Português no Cine Atlântico, a partir das 20 horas.

3 E 4 DE JUNHO

Irmã Sofia lança o 6.º disco intitulado 'Tá male, male', na Praça da Independência e na Casa da Juventude, em Viana. A partir das 8 horas.

3 E 4 DE JUNHO

O projecto 'Serenatas a Kianda' apresenta o músico brasileiro Jorge Vercillo e Filipe Mukenga, na Casa 70. A partir das 20 horas. Bilhetes à venda no local do espectáculo.

“Tenho uma carreira musical porque gosto de cantar e tenho talento, e uma carreira médica porque gosto de cuidar das pessoas e estudei para tal. Tudo o que vier daí é resultado do amor e dedicação que ponho em tudo o que faço.”

ERICA NELUMBA, CANTORA

“A música é um negócio que pode ser muito rentável”

ENTREVISTA. Afastou-se dos palcos por muito tempo, para se especializar em dermatologia, no Brasil. Aos 34 anos, Erica Nelumba “nunca tentou viver da música”, porém, acredita ser possível viver desta arte. A cantora, e também médica, entende que a falta de um sector empresarial “forte” no entretenimento condiciona a internacionalização dos músicos angolanos.

Por Lúcia de Almeida

Ausentou-se por algum tempo para se dedicar à medicina. Valeu a pena?

Com certeza! O meu objectivo era concluir a minha formação em medicina (licenciatura e especialização) até aos 32 anos e assim o fiz. Infelizmente, tive de abdicar temporariamente da minha carreira como cantora, mas não há ganhos sem sacrifícios.

Prometeu lançar o 3.º álbum em 2016...

Realmente o objectivo era esse. Porém, tive alguns contratempores relativos à minha agenda profissional (como médica), que não permitiram que me ausentasse do país. Queria muito trabalhar com alguns músicos, que, infelizmente, não residem em Angola.

Vive dividida entre a música e a medicina. Como concilia?

Tentando equilibrar o tempo que dedico a uma e a outra. Gosto de ambas, pois nelas exploro lados completamente diferentes da minha personalidade. Então, ainda que esteja física ou psicologicamente cansada, consigo arranjar ânimo para continuar.

Onde se sente mais confortável: no consultório ou em palco?

Em qualquer um deles. Mas confesso que fico sempre nervosa antes de subir ao palco.

E onde vê maiores possibilidades de ascensão social?

Na verdade, não penso nisso. Tenho uma carreira musical porque gosto de cantar e tenho talento, e uma carreira médica porque gosto de cuidar das pessoas e estudei para tal. Tudo o que vier daí é resultado do amor e dedicação que ponho em tudo o que faço.

É possível viver só da música em Angola?



PERFIL

Nome completo: Erica Judite Pimentel Nelumba
Data de Nascimento: 19 de Maio de 1983
Naturalidade: Luanda
Estado Civil: divorciada
Filhos: nenhum
Cor: branca
Um músico: Michael Jackson

Nunca tentei (risos), mas penso que sim.

Quando está no consultório, é reconhecida?

Sou, sim. Quase sempre. É bom porque acabo por ter um contacto directo com os apreciadores da minha música e não só. Recebo sempre muito carinho.

O facto de ser médica condiciona a música?

De certa forma, sim. Por exemplo, gostaria de ter mais tempo

para poder praticar e dominar um instrumento musical ou ter aulas para aperfeiçoar a voz, mas é difícil encontrar espaço para fazer isso.

A sua família influenciou na decisão entre ser cantora e médica?

Não. Os meus pais fazem as suas sugestões, mas apoiam e respeitam as minhas decisões.

Que dificuldades teve para lançar o seu primeiro álbum?

Quase nenhuma, uma vez que o Beto Max (na altura meu produtor), cuidava de tudo (risos). Era tudo muito novo para mim.

O que falta para haver mais músicos angolanos reconhecidos internacionalmente?

Falta um sector empresarial forte no entretenimento, que entenda que a música também é um negócio que pode ser muito rentável, de acordo com grau de investimento e com o potencial do produto apresentado.

Sente que o número de fãs reduziu após a ausência dos palcos?

É uma pergunta difícil de responder, porque eu não sei como comparar. Mas os que foram voltarão (risos).

O que é mais difícil: ter reconhecimento dos fãs ou de organizadores de eventos?

É mais difícil ter o reconhecimento dos fãs, pois tens que os tocar de alguma forma e eles, por sua vez, são capazes de ‘obrigar’ um organizador de eventos a reconhecer o teu potencial.

Que desafios teve ao interpretar a música ‘Filha de Deus’?

Foi uma música difícil de interpretar, pois o tema em si fugia um pouco daquilo que eu estava acostumada a cantar. Mas sinto um prazer enorme sempre que canto essa música.

A música ‘Tua’ é dedicada a alguém em especial?

É sim. Aos meus fãs.

Quais são as suas referências musicais?

Actualmente, nenhuma. Oiço de tudo um pouco.

Como avalia o contexto socio-político que Angola atravessa (cenário eleitoral)?

Penso que é a reafirmação de que temos realmente um Estado democrático e de direito. Teremos a oportunidade de escolher quem vai liderar os nossos destinos nos próximos cinco anos, portanto, é um momento de reflexão, para que possamos fazer a melhor escolha.

Que papel os músicos podem desempenhar para a consciencialização da sociedade diante desta realidade?

Os músicos, assim como outras figuras que gozam de alguma visibilidade, tais como desportistas, por exemplo, são vistos como modelos a seguir, principalmente pelos mais jovens. Devemos usar essa visibilidade para melhorar a nossa sociedade, através dos nossos próprios exemplos.

E as mulheres, em particular, têm uma palavra a dar?

Com certeza! As mulheres têm o poder de moldar a sociedade, de acordo com a educação que oferecem aos seus filhos.

NÚMEROS DA SEMANA

20

incidentes é o número de derrames que Angola registou no primeiro trimestre do ano, segundo dados do Ministério dos Petróleos.

5

mil toneladas é a quantidade de sementes diversas, que Angola deverá receber da Zâmbia, no quadro da cooperação entre os dois países no sector agrícola.

35

mil milhões de dólares é o valor que a diamantífera russa Alrosa estima que a nova mina do Luaxe representa.

5

milhões de kwanzas é o valor arrecadado na II.ª edição da Feira da Banana, realizada a semana passada, no Moxico.

ESPECIALISTA ALERTA

“Compliance” é para levar a sério

Os bancos angolanos necessitam de “levar a sério” o ‘compliance’, que envolve técnicos de uma profissão relativamente nova no país, para inverterem o afastamento actual nas relações com instituições financeiras internacionais, alertou o presidente da Associação de Profissionais Certificados de Compliance (ACCPA), Ernest Honya.

O assunto foi abordado num seminário sobre “Compliance em África”, promovido pelo Banco Nacional de Angola (BNA), no âmbito do seu programa de formação de quadros em torno das regras de combate ao branqueamento de capitais e financiamentos ilícitos (‘compliance’).

Em declarações à imprensa, Ernest Honya, citando dados de 2015, disse que 38% dos bancos angolanos correm o risco de corte

de laços com instituições internacionais, considerando o nível alto.

“Isso é uma preocupação, porque significa que o mundo não tem confiança no sistema financeiro angolano”, referiu, citado pela Lusa.

Segundo o responsável, a profissão do ‘compliance’ em Angola ainda é recente, por isso ainda é

baixo o número de membros certificados, o que representa também um problema.

“Precisamos que os profissionais sejam bem treinados, tenham conhecimento, para fazer o trabalho deles de maneira apropriada. Por ser uma profissão nova, há ainda muito a fazer”, disse Ernest Honya.



FÁBRICA DE POSTES DE ILUMINAÇÃO

Privados investem 10 milhões USD

Investidores privados pretendem investir mais de 10 milhões de dólares para instalar em Luanda uma fábrica para a produção de postes de iluminação pública,

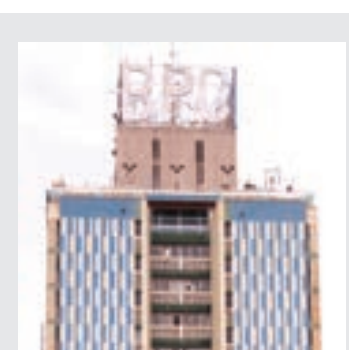
segundo o contrato de investimento com o Estado.

De acordo com o documento, de 16 de Maio, o investimento será realizado pela Tidiane Trading e prevê a

construção da fábrica, também para a produção de monoblocos, na Zona Económica Especial de Viana.

Os investidores prevêem a criação de 68 postos de trabalho com esta unidade fabril, essencialmente para cidadãos nacionais, e o fornecimento da produção aos operadores nacionais do sector da energia eléctrica.

O contrato com o Estado angolano, através da Unidade Técnica para o Investimento Privado (UTIP), prevê a atribuição de incentivos fiscais e aduaneiros aos investidores, nomeadamente a redução de 37,5% no pagamento dos impostos Industrial, sobre Aplicação de Capitais durante seis anos.



BANCA

O que compromete o crédito

A falta de informação contabilística por parte de algumas empresas nacionais está a influenciar na tomada de decisão dos bancos na concessão de financiamento, por não garantir credibilidade, declarou recentemente, em Luanda, o director de planeamento e controlo do Banco de Poupança e Crédito (BPC), Sandro da Silva.

Segundo o responsável, outros factores que impossibilitam a concessão de crédito são a deficiente organização e a qualidade das garantias que as empresas apresentam.

Sandro da Silva sugere a dequação dos processos de créditos nas suas diferentes fases.

O responsável ressaltou ser já um facto a existência do fundo de garantia, as linhas de créditos bonificadas, como o Angola Investe e outras linhas que podem ser criadas pelo Governo para facilitar e ajudar as empresas a organizarem-se. No caso do Angola Investe, disse que o BPC já aprovou 31 projectos no valor de 6 mil milhões de kwanzas.

O VALOR ESTA SEMANA

PRODUÇÃO PETROLÍFERA

Angola mantém corte

Angola vai manter o corte diário de 78.000 barris e fixar a sua produção nos 1.673.000 barris por dia até Março de 2018, conforme recomendação da OPEP sobre a redução da produção global do cartel. A decisão foi tomada na semana passada no decurso da 172ª Conferência Ministerial da OPEP, em Viena, Áustria. **Pág. 08**



REDE DE MULTICAIXAS

Levantamentos ‘milionários’

As operações de levantamentos nos multicaixas totalizaram, nos primeiros quatro meses do ano, 496,7 mil milhões de kwanzas, representando um crescimento de 32,1% contra os 376 mil milhões em igual período anterior. Março foi o mês em que mais dinheiro foi libertado dos multicaixas, a totalizar 136,7 mil milhões de kwanzas, seguido por Abril, com 125,7 mil milhões. **Pág. 16**

GOVERNAÇÃO ELECTRÓNICA

25 milhões USD até 2018

O Governo prevê investir, no próximo ano, 25 milhões de dólares, em projectos de dinamização do portal do cidadão e de melhoria das infra-estruturas de comunicação via satélite, no âmbito da prossecução do Programa de Governança Electrónica. A primeira fase do projecto está orçada em 17 milhões de dólares. **Pág. 11**